



ESPECIALIZAÇÃO EM
EDUCAÇÃO E PATRIMÔNIO
CULTURAL E ARTÍSTICO

Karina Almeida de Sousa

**UNIR PARA FESTEJAR, UNIR PARA LUTAR: OS CLUBES SOCIAIS NEGROS E O
PATRIMÔNIO MATERIAL DO GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE
MAIO**

São Carlos-SP

2018

Karina Almeida de Sousa

**UNIR PARA FESTEJAR, UNIR PARA LUTAR: OS CLUBES SOCIAIS NEGROS E O
PATRIMÔNIO MATERIAL DO GRÊMIO RECREATIVO E FAMILIAR FLOR DE
MAIO**

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Educação e Patrimônio Cultural e Artístico, lato sensu – a distância, do Programa de Pós-graduação em Arte-PPG-Arte, Instituto de Artes da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof^o Dr. Clovis Carvalho Britto

São Carlos - SP
2018
Polo Barretos – SP

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	18
2. OS CLUBES SOCIAIS NEGROS: RESISTÊNCIA E ORGANIZAÇÃO NEGRA NO PÓS-ABOLIÇÃO.....	22
2.1. Os Clubes Sociais e o Movimento Negro	22
2.2. O Movimento Clubista.....	25
3. METODOLOGIA	30
4. O ESTADO DA ARTE: TESES E DISSERTAÇÕES	31
5. PATRIMÔNIO MATERIAL, IMATERIAL E MEMÓRIAS: CLUBES SOCIAIS.....	34
5.1. Clubes Sociais Negros: memórias e histórias	35
5.2. Grêmio Recreativo e Familiar Flor De Maio	38
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
7. BIBLIOGRAFIA	55

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E FIGURAS

Figura 1: Fachada do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	17
Figura 2: organograma das instituições afro-brasileiras	24
Figura 3: Estudantes da Escola Primária do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	40
Figura 4: Coração da Rainha do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	41
Figura 5: Bailes de Carnaval Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	42
Figura 6– Personalidades da música brasileira no Flor de Maio.....	43
Figura 7- Cerimônia de anúncio do Tombamento do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio	44
Figura 8: Depoimento página Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio	50
Figura 9: Reunião realizada no Flor de Maio	51

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Mapeamento preliminar dos Clubes Sociais Negros da Região Sudeste do Brasil	27
Quadro 2: Estado da arte das teses e dissertações sobre Clubes Sociais Negros no Brasil	31

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à comunidade negra de São Carlos, representada pelo um amigo e principal interlocutor desta pesquisa, Carlos Eduardo Santa Maria- O Santa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à comunidade negra do município de São Carlos por ter me recebido, compartilhado comigo histórias pessoais, trajetórias políticas e a luta cotidiana contra o racismo e pela construção de espaços coletivos.

Agradeço à Família Samba-Rock que me recebeu entre giros e rodopios ensinando-me que a magia da dança está na disciplina, na concentração, na força, na persistência, no aprendizado coletivo e sobretudo e antes de mais nada em aprender a sentir. Nos tempos em que a razão instituiu a narrativa da vida cotidiana sentir é um ato revolucionário. Agradeço especialmente aos meus professores, interlocutores e amigos, Carlos Eduardo Santa Maria e Danitielle Calazans pelos encontros, aprendizados, bailes, conversas, apoios e aprendizados.

Em nome do orientador Prof. Dr. Clovis Carvalho Britto e do tutor Antônio Gomes da Costa Neto agradeço à todos os professores e à todas as professoras do curso de Especialização e Patrimônio Cultural e Artístico. O curso é um projeto instigante e importante para as ciências, especificamente para as Ciências Humanas em um momento de ataques e esvaziamento das nossas reflexões. Precisamos, mais do que nunca, de formação qualificada e disposta a disseminar o acesso ao conhecimento. Agradeço especificamente ao meu orientador que aceitou este trabalho tão fundamental que é a orientação de uma reflexão. Agradeço também à Universidade de Brasília e os idealizadores desta especialização pelo exercício da cidadania materializado na oferta do curso.

Agradeço ao meu orientador de doutorado Prof. Dr. Valter Roberto Silvério, ao Núcleo de Estudo Afro-Brasileiros (NEAB/UFSCar), ao grupo de estudos Afro-diáspora e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos pela formação desde meus anos iniciais. A pesquisa que será apresentada nas páginas seguintes tem profundo diálogo com minha tese de doutorado, na qual o Clube está sendo analisado enquanto espaço de construção de solidariedade a partir das resistências política e estética construída por meio das práticas da música e da dança.

Agradeço à minha família e aos meus amigos pelo apoio, carinho e pela presença. Este texto não poderia ter sido concluído sem o auxílio, a companhia, os cuidados e o amor da Maria Cristina Souza de Oliveira. Sou feliz por saber que podemos compartilhar anseios e projetos.

RESUMO

A data de fundação das sociedades negras remonta ao período da Primeira República (1889-1930), período esse em que emerge no Brasil a sociedade de classes em oposição à sociedade escravocrata. O contexto sócio histórico e político colocaria fim aos impedimentos formais para a integração da população negra, no entanto, as restrições quanto ao acesso a direitos e bens antes destinados aos "homens livres" trouxeram a reflexão sobre o modelo de participação dos negros na nova organização social. Esse seria o cenário de emergência de determinadas organizações negras, especificamente os Clubes Sociais Negros (CSN). Essas associações buscaram desenvolver atividades recreativas, culturais ou beneficentes em prol de negros que atingiram certa mobilidade social não convertida em acesso aos bens e serviços, continuamente destinados a uma "elite branca", algumas delas, por diversos motivos, não resistiram ao tempo e tiveram suas atividades encerradas, outras permanecem atuantes ainda hoje. Dentre as associações que continuam desenvolvendo atividades, um número significativo tem demandado ao Estado seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as Secretarias Estaduais de Cultura e os Conselhos responsáveis. Este trabalho pretende discutir as dimensões das demandas pelo reconhecimento desses Clubes enquanto Patrimônio Imaterial junto ao IPHAN, apresentando um debate a partir da produção sobre o tema e buscando construir uma reflexão sobre os CSNs enquanto espaços de sociabilidade negra. Como parte dos dados apresentados, propõe-se contribuir com o levantamento sobre os CSNs localizados nas regiões Sul e Sudeste.

PALAVRAS-CHAVE: ASSOCIATIVISMO NEGRO; CLUBES SOCIAIS NEGROS; PATRIMONIO MATERIAL E IMATERIAL; SOCIABILIDADE

APRESENTAÇÃO

A data de fundação dos Clubes Sociais Negros remonta ao período da Primeira República (1889-1930), período em que emerge no Brasil a sociedade de classes em oposição a sociedade escravocrata. Esse contexto sócio-histórico e político configurou um terreno fértil para a integração da população negra, agora sem impedimentos formais de participação na sociedade. Porém, foram mantidas restrições quanto ao acesso à direitos e bens antes destinados aos "homens livres". Esse cenário configurou a emergência de diversas organizações negras que buscaram desenvolver atividades recreativas, culturais ou beneficentes em prol de negros que atingiram certa mobilidade social não convertida em acesso aos bens e serviços destinados a elite branca.

As populações da diáspora¹ africana no Brasil se organizaram de modo complexo e versátil, o que implica afirmar que o associativismo negro caracteriza-se em primeira instância pela sua multiplicidade, versatilidade e dinamicidade de atividades e objetivos. Do século XIX aos dias atuais, a consciência de que o preconceito contra a população negra é uma situação a ser combatida tem perpassado todas as organizações e espaços relacionadas ao associativismo negro. Segundo as autoras Gusmão e Simson (1989, p. 219-220), a experiência histórica da diáspora negra, nos leva a considerar que ela não tenha ocorrido de maneira igual em todos os lugares. O que nos leva a considerar também que a mobilidade geográfica a que foram submetidos os povos africanos tem sido tratada como se o povo africano fosse apenas um, ou ainda se houvesse apenas uma forma de ser negro, desconsiderando-se as histórias distintas e a condição particulares do negro na diversidade.

Iniciamos com a compreensão de que a configuração social e política vigente desde o regime escravagista no Brasil gerou importantes desdobramentos às dinâmicas sociais elaboradas para a formação do país. A abolição não delimitou o fim dos conflitos raciais, já que

¹ Diáspora enquanto deslocamentos étnicos, culturais e territoriais transnacionais colocam em questionamento a noção dos Estados-Nação enquanto correspondentes a um espaço homogêneo. A partir da compreensão de que existem nações dentro de um mesmo Estado, e mesmo comunidades que não reconhecem o Estado, a diáspora amplia as reflexões para além das fronteiras nacionais traçadas pelo Estado-Nação. Em larga medida essa nova condição de reflexão não apenas questiona a "homogeneidade" lingüística, política e cultural, mas, por meio de elementos culturais, religiosos e mesmo étnicos torna possível que se estabeleçam continuidades para além das fronteiras nacionais. Segundo Gusmão e Simson (1989, p. 219) a diáspora "envolveria processos de circulação de um povo, vivenciando mobilidade geográfica, induzida ou não, possibilidade contraditórias para o estabelecimento de "raízes". (...) Assim, ações criativas dos povos como sujeitos de sua história, isto é, ações mobilizadoras em seu próprio proveito, formas e contextos de luta em mutação; transformações psicoculturais e ideológicas; redes sociais e dinâmicas institucionais constituem-se em exemplos de experiência histórica compartilhada."

a resistência negra assumiu outras características dentro da emergente industrialização e urbanização nacional.

O fim do regime escravagista no Brasil se deu em um contexto de transformações econômicas e sociais, como por exemplo, a criação de novos mercados consumidores, marcos da então nascente Revolução Industrial. Como consequência desse processo, ainda nos séculos XIX e XX, presenciou-se o incentivo à imigração massiva de europeus ao país. O processo imigratório² foi influenciado também pelo período crítico vivenciado pelo continente europeu no entre guerras e, ainda, pelas perseguições direcionadas à inúmeros grupos durante a Segunda Guerra Mundial, grupos estes que vislumbraram novas possibilidades de trabalho, moradia e segurança no Brasil. Esse objetivo esteve estreitamente relacionado à transformação fenotípica e cultural de uma população majoritariamente negra. Ambos os objetivos também eram movidos pelas propostas eugênicas³ que visavam o aperfeiçoamento da população por meio da regeneração de seus traços hereditários e morais, que apagariam as características das culturas negras e indígenas, compreendidas nesse contexto como culturas inferiores, permitindo assim o surgimento de um povo “legítimo”.

O início do século XX foi fortemente marcado pelos debates em torno da questão nacional. Essa foi a preocupação que orientou a atividade intelectual de médicos, advogados e dos próprios intelectuais. Segundo Diwan (2007), na obra *Raça Pura*, em toda a América Latina houve uma grande preocupação com a formação de uma identidade nacional. Essa preocupação decorreu, principalmente, da busca pelo status de Estado-Nacional. Para tanto, seria necessário suprimir uma questão extremamente mal vista pelos europeus: a miscigenação⁴ (DIWAN, 2007, p. 85).

Nas palavras de Gusmão e Simson, a cultura se tornou um forte elemento de resistência aos dispositivos de dominação direcionados a população negra, criando condições de manutenção de um certo equilíbrio para esta população no Brasil. Segundo as autoras “é assim que se cria uma cultura negra brasileira que tem por base “formas intactas de diferença

² A política migratória brasileira desse período apresentou alguns objetivos, dentre eles, a necessidade em se adquirir mão de obra dedicada ao trabalho nas lavouras de café.

³ Segundo Diwan (2007), a eugenia não lida com a incompreensão religiosa e tampouco com os embates de um sistema de dominação político-econômico. Com status de disciplina científica, a eugenia tinha por objetivo implantar um método de seleção humana baseado em premissas biológicas. No entanto, o caráter “originalmente” miscigenado das práticas eugênicas no país não obtiveram os mesmos resultados de outros espaços (2007, p. 13). Na mesma obra o autor afirma que os preceitos da ideologia eugênica foram aplicados em diversos países, entre eles: Alemanha, Itália, Dinamarca, Suécia, Noruega, Finlândia, Japão, China, Estados Unidos, México, Argentina, Brasil.

⁴Miscigenação, a mestiçagem no sentido biológico, volta-se à hibridez do patrimônio genético (MUNANGA, 2004, p. 20).

simbólica” (iniciação, culto aos mortos, etc.), que acomoda “conteúdos de ordem tradicional africana (orixás, contos míticos, danças, etc.), além de conteúdos reelaborados ou amalgamados em território brasileiro” (LOPES, 1988, p. 43 *apud* GUSMÃO; SIMSON, 1989, 220). No Brasil é possível encontrar organizações destinadas a este modelo de associativismo, são elas: as Irmandades Negras⁵, as Sociedades, Clubes e Agremiações.

O próprio surgimento dos Clubes Sociais Negros demonstra que o racismo se configurou de modo bastante específico a partir das dinâmicas históricas, políticas e sociais dos diferentes contextos nacionais. É sabido, por exemplo, que as formas de segregação impostas à América Latina se distinguiram das formas impostas aos Estados Unidos da América⁶, o que nos permite reconhecer, na América Latina, algumas associações que surgiram no bojo de sociedades excludentes e discriminatórias. Andrews (2007, p. 159), afirma que afrodescendentes prósperos no pós-abolição perceberam tal segregação e buscaram meios de integrar os espaços de sociabilidade típicos da classe média branca, buscando como estratégia a construção de espaços similares para uma parcela da população negra que estava, em sua maioria, entre a classe média branca e o proletariado negro (organizações sociais e cívicas paralelas as criadas pela classe média branca).

Estas incluíam clubes sociais de elite, como El Progreso (Santiago, Cuba); Club Atenas (Havana), La perla Negra (Santo Domingo), Kósmos (São Paulo) e outras, menos prestigiosas, porém mais numerosas as “sociedades recreativas” (Cuba, Uruguai) e os “clubes de dança” (Brasil); associações atléticas como a Alianza Lima (Lima) e a Associação Atlética São Geraldo (São Paulo), que patrocinavam times de futebol, competições de corrida e outros eventos; e organizações cívicas como a Federação dos Homens de Cor e o Centro Cívico Palmares, no Brasil, e o Directorio Central de las Sociedades de Color em Cuba. No limite entre os níveis inferiores da classe média negra e os níveis superiores do proletariado negro estavam as sociedades de ajuda mútua, como o Centro de Cocheros (Havana), a Sociedade Protetora dos Desvalidos (Salvador) e La Protectora e o Centro Uruguay (Buenos Aires); e na Argentina, no Brasil, em Cuba e no Uruguai (e talvez em outros países, onde a pesquisa extensiva sobre organizações negras da virada do século está por ser feita), uma ativa imprensa negra registrava as atividades desses grupos” (ANDREWS, 2007, p. 160-161).

⁵ Segundo Rolnik (p. 4, 1989), as irmandades funcionavam como ponto de agregação. Em seus terreiros, nas festas religiosas, os negros dançavam batuque. Muitas, como a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo, chegaram a abrigar libertos e, como a Confraria dos Remédios, envolveram-se diretamente na campanha abolicionista, articulando quilombos rurais às redes de apoio urbanas

⁶ Diferentemente dos Estados Unidos da América, durante o regime de segregação racial, em que as divisões pautadas na raça eram públicas e explícitas, o Brasil passou por intensos processos políticos que ora, apontavam para o embranquecimento como alternativa para o processo de modernização nacional (vinda de imigrantes europeus e ausência de políticas públicas destinadas aos negros); ora pautava-se na anulação da discussão racial, considerando-se que esta não se configurava enquanto marcador dos processos de subalternização

Em uma economia em plena expansão, pautada nas exportações, as ideologias do racismo científico, em voga desde o século XIX, instauravam uma situação bastante contraditória para a população negra que, em alguma medida, conseguia fazer parte do crescimento econômico da época, porém lhes era negado o acesso aos espaços típicos dos sujeitos que ascenderam socialmente, ou seja, conviviam com a

[...]recusa à admissão em restaurantes, teatros, barbearias, hotéis e outros estabelecimentos públicos; recusa em escolas particulares (e às vezes de prestigiadas escolas públicas) em matricular seus filhos; recusa dos clubes sociais em admiti-los; e, mais prejudicial que tudo, a discriminação aberta ou velada do emprego (ANDREWS, 2007, p. 160).

O contexto sócio histórico e político colocaria fim aos impedimentos formais para a integração da população negra, no entanto, as restrições quanto ao acesso a direitos e bens antes destinados aos "homens livres" trouxeram a reflexão sobre o modelo de participação dos negros na nova organização social. Esse seria o cenário de emergência dos Clubes Sociais Negros (CSN). Essas associações buscaram desenvolver atividades recreativas, culturais ou beneficentes em prol de negros que atingiram certa mobilidade social não convertida em acesso aos bens e serviços, continuamente destinados a uma "elite branca", algumas delas, por diversos motivos, não resistiram ao tempo e tiveram suas atividades encerradas, outras permanecem atuantes ainda hoje. A definição desses clubes passa pela caracterização de seu público, a motivação das organizações e, por fim, pelo caráter das mesmas, sendo assim,

Os Clubes Sociais Negros são espaços associativos do grupo étnico afro-brasileiro, originários da necessidade de convívio social do grupo, voluntariamente constituído e com caráter beneficente, recreativo e cultural, desenvolvendo atividades num espaço físico próprio (Oliveira apud Escobar, 2010, p. 61).

Dentre as associações que continuam desenvolvendo atividades, um número significativo tem demandado ao Estado seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as Secretarias Estaduais de Cultura e os Conselhos responsáveis. Este trabalho pretende discutir as dimensões das demandas pelo reconhecimento desses Clubes enquanto Patrimônio Imaterial junto ao IPHAN, apresentando um debate a partir da produção sobre o tema e buscando construir uma reflexão sobre os CSNs enquanto espaços de sociabilidade negra. Como parte dos dados apresentados, propõe-se contribuir com o levantamento sobre os CSNs localizados nas regiões Sul e Sudeste.

As organizações negras tem sido tema de inúmeras reflexões. Quilombos, Irmandades Religiosas, Associações, Sociedades e Agremiações; Blocos Carnavalescos; Escolas de Samba;

Jornais; Grupos Teatrais; Coletivos e o próprio Movimento Negro- considerando suas inúmeras vertentes- são alguns dos exemplos das formas e estratégias de associação da população negra no contexto nacional. As formas de organização e mobilização da população negra vinculam-se ao contexto sociocultural ao qual a sociedade mais abrangente responde e principalmente a dinâmica vivenciada, seja de modo espontâneo ou imposto, pela população negra nos diversos espaços.

Com o objetivo de contribuir para a compreensão das dinâmicas do associativismo negro⁷ busco refletir sobre as formas e as dinâmicas de emergência do associativismo negro a partir das associações e grêmios recreativos. As associações e grêmios serão aglutinadas nesta reflexão sob a alcunha de Clubes Sociais Negros. Termo que vem sendo utilizado para descrever esses espaços e que tem sido conceituado pela produção acadêmica nacional. As análises propostas serão respaldadas por pesquisas bibliográficas, documentos oficiais, atas, regimentos, acervos pessoais e entrevistas em concomitância com a análise do processo de tombamento de um clube social negro. Trataremos dos processos que levaram ao tombamento, bem como as consequências desse processo às dinâmicas internas e externas do grupo que se reconhece como partícipe deste espaço e de sua constituição histórica. Apoio-me em uma abordagem não reducionista das questões que concernem os inter-relacionamentos de classe e raça.

As demandas pelo reconhecimento e salvaguarda do patrimônio material no Brasil tem início nas primeiras décadas do século XX simultaneamente ao acelerado processo de modernização concentrado nas capitais. O processo de modernização que poderia ser facilmente constatado com a aberturas de largas avenidas, reformas paisagísticas, projetos de

⁷ As distinções entre as formas de associação da população negra e as demais associações étnicas (italianas, espanholas, portuguesas) tem sido tema de reflexão, de tal modo que proponho aqui algumas distinções iniciais entre ambas. Uma distinção notável relaciona-se a forma de integração dos grupos na sociedade brasileira, para essa compreensão é preciso destacar os objetivos, as estratégias e a o reconhecimento de tais grupos para a construção do que seria o Estado-Nação em território brasileiro. Imigrantes europeus, de modo geral, foram considerados fator de modernização da ex-colônia, enquanto negros- africanos ou seus descendentes, enquanto fator de atraso. Outro ponto refere-se as formas de produção e transmissão de conhecimento e cultura no interior dos grupos. Advindo no modelo de integração ou mesmo da interdição o acesso aos direitos é substancialmente desigual, como por exemplo, acesso à educação pública, a seguridade social, saúde e a moradia. Por fim, a mobilidade social nesses diversos grupos produziu efeitos também diversos, enquanto aos grupos advindos do continente europeu a mobilidade, mesmo que restrita, foi incentivada e financiada pelo Estado Brasileiro, para a população negra não foram realizadas quaisquer iniciativas afins de investir em tal mobilidade. Pelo contrário foram sancionadas leis que senão impediam, dificultavam severamente essa mesma mobilidade. Aqui refiro-me, por exemplo, a Lei de Terras, sancionada em por D. Pedro II em setembro de 1850, determinou parâmetros e normas sobre a posse, manutenção, uso e comercialização de terras no período do Segundo Reinado, de modo que a compra seria a única forma de ter posse da terra no Brasil.

modernização dos centros urbanos. A reforma Pereira Passos é o exemplo mais ilustrativo do processo descrito. No início do século XX Pereira Passos irá implementar uma grande reforma no centro da cidade do Rio de Janeiro. A reforma que ficou conhecida como “bota abaixo” tratou de demolir inúmeros prédios de moradias coletivas, os chamados cortiços, e velhos casarões com o objetivo de construir largas avenidas em estilo francês e neoclássico.

O pensamento e os projetos de Pereira Passos estavam em sintonia com as transformações do ocidente dirigidas pelo continente europeu. Era preciso modernizar, era preciso apagar os traços do atraso e da selvageria. Para tanto era preciso apagar as memórias e os lugares que representavam esse atraso ou barreiras para um Brasil moderno e desenvolvido em consonância com os interesses do capitalismo emergente. Em meio a esse contexto um grupo de intelectuais liderado por Mário de Andrade reconhece a importância de reconhecer e resguardar construções que representem a memória do país, temendo que o impulso pela modernização apagasse todo e qualquer vestígio da história nacional.

Foi assim que em 13 de janeiro de 1937 o então presidente Getúlio Vargas assina a Lei nº 378 instituindo a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) instituindo os conceitos que irão orientar a atuação do Instituto. Dentre os seus fundadores e elaboradores do projeto inicial listamos Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Lúcio Costa, Carlos Drummond de Andrade e Afonso Arinos.

A Constituição Brasileira de 1988 define em seu Artigo nº 216 o patrimônio cultural como as formas de expressão, modos de criar, fazer e viver, reconhecendo as criações artísticas, científicas e tecnológicas além de obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais. O artigo integra ainda conjuntos urbanos e espaços de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Ainda não será nesse momento que os bens, materiais e construções relacionadas as culturas de origem africana e indígena serão reconhecidos enquanto patrimônio nacional. O primeiro espaço vinculado as práticas e a cultura de origem afro-brasileira a ser reconhecido como patrimônio será o terreiro de candomblé Casa Branca, em Salvador, Bahia no ano de 1984. Segundo Gilberto Velho (2006, p. 237) o tombamento foi um processo muito controverso e dividiu os membros do Conselho do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. De acordo com o autor, para diversos membros do Conselho o tombamento apresentava-se como desproporcional e equivocado, já que se tratava de tombar um pedaço de terra desprovido de construções que o justificasse por sua monumentalidade ou valor artístico. Velho (2006, p.

237) destaca que “[...] até aquele período, o estatuto do tombamento vinha sendo aplicado, basicamente, a edificações religiosas, militares e civis da tradição luso-brasileira”.

Os embates relacionados ao tombamento do terreiro Casa Branca explicitam a definição de patrimônio como centralizada na perspectiva ocidental sob a qual o conceito vinha sendo definido e aplicado desde de suas formulações iniciais no Brasil. Ou seja, o conceito tratou até aquele momento do tombamento de bens considerados como monumentos ou de grande valor artísticos produzidos exclusivamente por um grupo em detrimento dos bens e valores produzidos por outros grupos, os menos que, não por acaso, foram o alvo direto das reformas que visaram a modernização dos grandes centros do país.

De acordo com Velho (2006) as políticas de tombamento surgem no início do século XX junto com a "necessidade" de modernização e de construção de uma identidade nacional. Sendo assim, monumentos de origem barroca e francesa foram os primeiros a serem reconhecidos como patrimônio de modo que se constituía uma identidade moderna e relacionada ao passado do país. Os tombamentos partem do pressuposto de quem os bens são de reconhecido impacto histórico e social, sendo assim, o reconhecimento tardio dos bens provenientes das culturas afro brasileira e indígena deve ser lidos nesse contexto.

Essa curta digressão sobre o patrimônio e os processos de tombamento tem por objetivo apresentar um panorama sobre como e a partir de quando a cultura afro-brasileira passa a ser reconhecida e incorporada como um patrimônio nacional. Os conflitos que envolvem o reconhecimento do terreiro Casa Branca, bem como argumentos utilizados para a restrição dos tombamentos sobre a ótica do sistema de interpretação das relações raciais estruturado a partir da negação do conflito e de uma suposta harmonia racial unida a impossibilidade de alteridade. Impossibilidade alicerçada na construção de um outro incivilizado, sem história, sem cultura, sem valores e sem moral. Essa constituição pode ser lida como pressuposto para o apagamento das construções, práticas e expressões produzidas por africanos da diáspora no Brasil durante os primeiros anos de instituição das políticas de tombamento.

Esta monografia tem como objetivo central construir uma análise das consequências e perspectivas do tombamento dos clubes sociais negros, tomando como objeto de análise o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio⁸ fica

⁸ O nome do clube foi alterado em meados do século XX passando a adotar oficialmente a alcunha de Grêmio Recreativo Flor de Maio. A retirada do termo familiar, segundo relatos de seus membros referiu-se a alteração do perfil do clube. O termo familiar segundo esses interlocutores relacionava-se ao auxílio monetário ofertado aos associados, atividade que o clube deixou de realizar. Para termos desta pesquisa iremos adotar o nome do clube quando da sua inauguração.

localizado no município onde esta pesquisa está sendo elaborada, a saber, a cidade de São Carlos/SP, por este motivo o contato com seus integrantes foi facilitado. A partir de um contato inicial observou-se que os Clubes Sociais Negros em atuação formam uma espécie de rede em que a intercomunicação se dá no espaço da realização de eventos festivos, mas também na organização das demandas políticas e sociais dos Clubes. A partir de tais constatações optei por uma participação frequente no cotidiano deste clube a fim de tomar conhecimento sobre o funcionamento e as demandas incorporadas por estes espaços, bem como, para dar início a possíveis contatos com os membros dos clubes a serem diretamente estudados.

Durante dois anos e meio (2016 a 2018), pude participar do cotidiano do clube, frequentando as aulas semanais da Samba-Rock, atividades e reuniões políticas e reuniões com a direção do clube. Nesse mesmo período também pude ter acesso a membros do clube e suas famílias, sendo assim, por meio da inserção nas aulas de dança pude conhecer e me aproximar da dinâmica do clube e de seus integrantes. Além disso essa inserção me permitiu ter acesso a outros clubes e atividades tanto na cidade de São Carlos, quanto em cidades da região, como por exemplo, Ribeirão Preto, Piracicaba, Araras e São Paulo.

O “Flor de Maio” como é conhecido na cidade e na região, foi construído por negros em sua maioria trabalhadores da linha férrea, a FEPASA, que receberam o terreno como doação da prefeitura da cidade de São Carlos. Com o trabalho de mutirão o clube foi sendo erguido, paulatinamente, aos finais de semana tendo sua inauguração datada de 04 de maio de 1928. O clube mantém sua fachada como a original até os dias atuais. É possível atribuir a manutenção ao processo de tombamento. Além de sua fachada, foram tombados o assoalho, as escadas internas e o mezanino.

Figura 1: Fachada do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio



Fonte: acervo particular de membros do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, s/d.

Assim como muitos dos clubes formados no início do século XX, o Flor de Maio foi em seus anos iniciais um clube exclusivo para negros e negras no que compete a seus membros e diretoria. Os clubes tornaram-se locais de lazer, mas não se restringiram a atividades recreativas. O Flor de Maio, por exemplo, além das atividades recreativas que compreenderam bailes, jantares, comemorações de aniversário e casamento, ofertou apoio funerário, de saúde e manutenção de auxílio monetário para os membros desempregados. No ano de 1937 com apoio da prefeitura da cidade de São Carlos, que cedeu o corpo docente, o Flor de Maio instituiu uma escola em sua sede. A escola esteve em plena atividade durante cerca de oito anos, tendo recebido tanto alunos brancos como negros. O processo de tombamento do clube se deu até o presente momento à nível municipal. O processo a nível estadual, para que então o clube se torne Patrimônio Histórico do Estado de São Paulo teve início no ano de 2014 e ainda tramita.

1. INTRODUÇÃO

O aprofundamento do processo industrial e o intenso fluxo migratório europeu durante o pós-abolição configurou parte do cenário para as classes sociais estratificadas. Esse seria o contexto de uma das transformações mais intensas e significativas relacionadas a presença e ao modelo de participação da população negra na constituição do país.

Segundo Medeiros (2013, p. 225), a ideia de crise social, a partir da abolição e do fim do regime monárquico, atuou como um princípio heurístico se pensado no contexto de uma sociedade em transição, de uma cidadania precária e de uma revolução burguesa incompleta. Para o autor, esta seria a tese de Bastide e Florestan na obra *Branços e Negros em São Paulo*, já que os autores direcionaram a investigação sociológica para o questionamento da efetividade dos processos revolucionário abolicionistas e republicanos como ações de modernização social. Questionaram o grau de emancipação que poderia ser alcançado pelos grupos subalternos e ainda as possibilidades dadas e forjadas pela população negra de superação do seu ponto de partida desvantajoso e socialmente desigual. De acordo com Medeiros,

[...]a desagregação do antigo regime servil e da velha ordem escravocrata se processou na razão inversa à efetividade da igualdade jurídica entre ex-senhores e ex-escravos. Elementos residuais do antigo regime- por exemplo, o preconceito de cor- encravam as relações entre brancos e negros na aparente ordem social competitiva, impedindo-a de se realizar plenamente. [...] O preconceito [de cor] é igualmente provocador de reações, como os movimentos associativos entre negros, manifestações explícitas entre brancos etc. (2013, p. 227).

Os movimentos propulsores do associativismo negro, e em específico os Clubes Sociais Negros, estão relacionados ao contexto sócio-histórico da Primeira República, nesse sentido, a configuração da emergente sociedade de classes e do processo de modernização social delineou o papel e os espaços ocupados pela população negra, os "novos" homens livres. Adotando a perspectiva de análise desenvolvida por Bastide e Fernandes na obra *Branços e Negros em São Paulo*, aponta-se tanto para o grau de emancipação, quanto as possibilidades dadas e forjadas pela população negra de superação como resultantes do processo de modernização. Segundo os autores a principal queixa da população negra nesse novo contexto se referia ao que poderíamos chamar de “pecado da omissão”, ou seja, “a falta de política governamental a favor da ascensão do homem de cor na sociedade, por um auxílio econômico e medidas educativas apropriadas, quando há tantas leis a favor dos imigrantes (BASTIDE; FERNANDES, p. 2008, p.155)”.

Algumas das principais reflexões sobre o associativismo negro são desenvolvidas pelo historiador Petrônio Domingues. Dialogando com os autores supracitados, podemos apontar que o novo sistema político e econômico, emergente do cenário republicano, como parte do

processo de modernização, não foi capaz de assegurar ganhos materiais ou simbólicos para a população negra (Domingues, 2006, p. 102), logo, como estratégia de reversão da permanente marginalização, ou da manutenção das ausências do Estado frente ao atendimento as necessidades dessa população, “libertos, ex-escravos e seus descendentes instituíram os movimentos de mobilização racial negra no Brasil criando inicialmente dezenas de grupos (grêmios, clubes ou associações) em alguns estados da nação” (Domingues, 2006, p. 103).

Os Clubes Sociais Negros, enquanto importantes espaços para o associativismo da população negra, resultam dos acontecimentos históricos e sociais do período pré e pós-abolição que impactaram na estrutura social brasileira, para além da alteração das formas e do regime de trabalho. O fim da escravidão negra demarcou a emergência de um novo modelo de organização social. Essa organização, diferentemente da anterior partiu do pressuposto de que todos os indivíduos, indistintamente de sua cor, teriam possibilidade de ascensão social, ou seja, essa seria a principal inflexão da sociedade de classes para a população negra.

A possibilidade de mobilidade social e conseqüentemente ascensão por meio do trabalho remunerado alterou as demandas de parte desta população. De acordo com Escobar (p. 70) "os trabalhadores negros, que fundaram os primeiros Clubes Sociais Negros no período pós-abolição e mesmo anteriores a este, eram oriundos de profissões e empresas, em especial públicas, que viabilizaram mobilidade social aos negros". No contexto de exclusão e negação de suas origens e valores, os Clubes surgiram como possibilidade de romper com a sociedade ao fundar os próprios espaços de sociabilidade, solidariedade e defesa de direitos (ESCOBAR, 2010, p. 73).

Os clubes Sociais ao surgirem como agrupamento dos negros, criando formas de sociabilidade internas ao grupo, influem significativamente para a criação de condições que determinariam a eclosão dos movimentos sociais com recorte racial (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p.231). Assim como a imprensa negra, as associações também empreenderam ações que obtiveram êxito no sentido de " fazer do negro um participante ativo" no que diz respeito às discussões em torno da realidade racial brasileira, provocando uma dada atuação consciente em sua própria história (BRAGA, 2015, p. 87). Segundo Gusmão e Simson (1989, p.237), a criação de associações negras, diferentemente das Irmandades Negras e das confrarias, na maioria das vezes voltadas ao lazer conseguiram manter, mesmo contra uma tendência social e política da época, sistemas de relacionamento e ajuda mútua que permitiram o fortalecimento e crescimento dos grupos.

Os exemplos de preconceito racial no Brasil, estão historicamente imbricados com o preconceito de classe, o período que nos referimos ilustra bem essa afirmação. A ideia, por exemplo, de democracia racial, impediu em muitas situações o conflito racial aberto, o que criou circunstâncias para a violência racial se disfarçar sobre a classe. Segundo Hall, uma abordagem conceitual que vê as dinâmicas econômicas como únicas estruturantes de uma formação social, e vê as outras apenas como reflexo desta “reduz toda a formação social como algo direta e imediatamente correspondente ao econômico” (2006, p. 285), não deixa espaço teórico para outros tipos de diferenciação social, como as que surgem em torno da raça, do gênero, da etnia e da nacionalidade. Os Clubes Sociais Negros, nesse contexto, atuam como espaços por excelência para a compreensão da intersecção entre raça e classe em um período de profundas transformações nacionais. Como explicita a seguinte passagem,

A elite que se formou nessas associações, e que as formou para si, para resolverem problemas seus, seu status, de aspirações, de mobilidade e de resistência que encontra à sua mobilidade e às suas aspirações, sofre, por sua vez, do mal incalculável de não saber falar outra linguagem que não seja a do seu horizonte de extrato médio, **duplamente asfixiado por sua condição de raça e classe** (gripo nosso) (MEDEIROS, 2013, p 241).

O caráter não homogêneo do "sujeito de classe" (HALL, 2006, p. 331), indica como as diferenças étnicas e raciais podem ser e resultar em modos de produção que conduzam não apenas a especificidades e irregularidades regionais, mas a modos diferenciados de incorporar os chamados "setores retrógrados" dentro do regime social do capital (HALL, 2006, p. 331). A emergência de uma classe média negra, explicitaria essa afirmação.

Já, segundo Bastide e Fernandes (2008, p.195), essa classe média participaria do novo regime social com preocupações oriundas do modelo de modernização delineado para a nação, ou seja, voltados a garantia da respeitabilidade e honorabilidade- características antes restritas aos brancos-, ambas garantidas pela substituição (protagonizada em parte pela Imprensa Negra e pelos Clubes Sociais) da imagem do antigo preto, mais africano que ocidental, mais exótico que nacional pela imagem de um "novo negro"(BASTIDE; FERNANDES, 2008, p.198), que evitará qualquer ato que poderá desprestigiá-lo ou desqualificá-lo frente a opinião pública e por fim, garantirá sua “elevação social ao aceitar fazer parte das associações culturais de pretos” (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p.195). Segundo Medeiros(2013, p. 241), o autor Costa Pinto⁹ no estudo sobre a cidade do Rio de Janeiro tece profunda crítica a tais organização na medida em que representam “associações de elite, de elite negra, que em face da massa negra

⁹ Projeto similar ao realizado por Roger Bastide e Florestan Fernandes, acerca das relações entre brancos e negros na cidade de São Paulo, foi elaborado por Costa Pinto na cidade do Rio de Janeiro.

age, reage e se comporta como elite em face de qualquer massa”, já que embora aponte a singularidade do novo negro, que romperia com a estigmatização de seu passado escravo, a contraposição da formação dessa nova elite, que sai de seu lugar predeterminado, é ao enorme número de, nos termos do autor, “negros-massa”.

Para Bastide e Fernandes, restaria ao negro duas opções, “aceita a sociedade de classes para subir progressivamente[...]ou entra num movimento de ampla reivindicação, mais ou menos inspirado nas sociedades negras norte-americanas” (BASTIDE; FERNANDES, 2008, p.207). Enquanto para Hall (2006, p.313) “a estruturação racial e étnica da força de trabalho[...]pode inibir às tendências globais racionalmente concebidas do desenvolvimento capitalista”. Logo, nas sociedades racialmente estruturadas, onde raça e classe se articulam no processo histórico, a educação escolar, as organizações culturais, a vida sexual e em família, os padrões e modos de associação civil, entre outros exercem uma função vital na produção, sustentação e reprodução da mesma.

2. OS CLUBES SOCIAIS NEGROS: RESISTÊNCIA E ORGANIZAÇÃO NEGRA NO PÓS-ABOLIÇÃO

2.1. Os Clubes Sociais e o Movimento Negro

O envolvimento das entidades negras com a educação formal e não formal, manifesta a percepção destes grupos pela educação como elemento fundamental de mobilidade social na sociedade ocidental. De acordo com Gonçalves e Silva (2000, p.139) “As organizações desempenham vários papéis no interior da população negra [...] se configuram como instâncias educativas, na medida em que os sujeitos que participam delas as transformam em espaços de educação política”. O envolvimento dos Clubes com a alfabetização de ex-escravizados, com a criação de espaços de sociabilidade para o fortalecimento de um determinado modelo de identidade negra, demonstra a atuação dos grupos para além de suas atividades recreativas e culturais, mais também como modelos de associativismo com vistas ao enfrentamento e superação de um “lugar do negro”.

O Flor de Maio, por exemplo, criou uma escola de ensino primário em suas dependências no ano de 1934. No período de 1934 a 1936 a escola foi gerida pelo próprio clube. A partir de 1936 a prefeitura do município de São Carlos nomeou professores para que oferecessem cursos noturno no clube (RELATORIO DE TOMBAMENTO DO GREMIO RECREATIVO FLOR DE MAIO, 2011, p.05)

As contribuições desses espaços para os processos de identificação dão ênfase aos processos de subjetivação das “n” identificações passíveis de serem atribuídas ou adotadas pelo sujeito em meio social (HALL, 2008). Segundo Hall (2005, p. 38), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”, tão logo, o clube circunscrito em sua sede demarca um espaço geográfico e simbólico de reconhecimento e afirmação.

De certo modo, desenha-se uma possibilidade de compreender os clubes enquanto espaços negros¹⁰ de auto-organização, que para além de figurarem como espaços de

¹⁰As formulações apresentadas neste texto sobre os espaços diaspóricos ainda carecem de aperfeiçoamento, no entanto, cabe apresentar a definição utilizada para esta reflexão. Inicialmente entendemos os espaços diaspóricos a partir de duas concepções: primeira, espaços permanentes seriam espaços físicos ocupados pela população negra e reconhecidos pela sociedade mais ampla como espacialidades organizadas e frequentadas senão exclusivamente, majoritariamente por negros/as, seriam exemplos os Clubes e Sociedades Beneficentes Negras. Clubes e Sociedade, foram considerados, no momento da fundação como espaços de encontro de negros/as nas comunidades locais- como o bairro a cidade e/ou as regiões circunvizinhas. Cabe destacar que esse espaço foi reconhecido, legitimado e afirmado como locais de encontro e estabelecimento de relações políticas, sociais e culturais entre negros e negras. Enquanto em um primeiro exercício de reflexão a noção de espaço permanente está circunscrita em um espaço físico determinado como um território ocupado por negros/as, há uma segunda dimensão do termo, que se refere aos espaços ocasionais, como feiras negras, encontros, Bailes *Black*, bailes

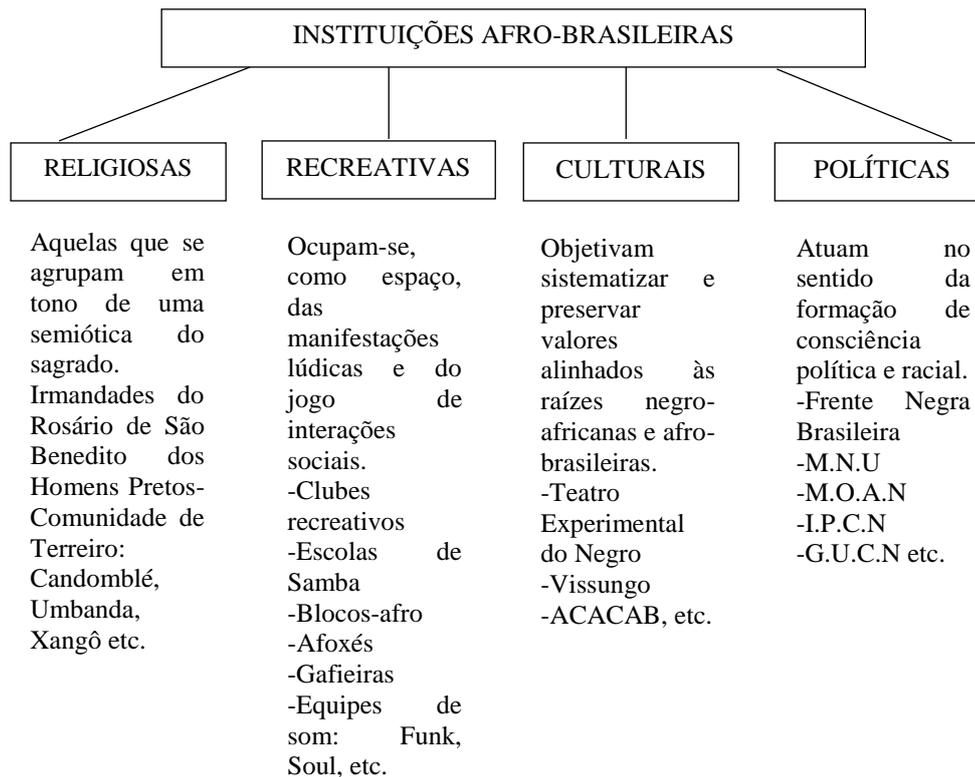
sociabilidade e estabelecimentos de comunidades a partir do reconhecimento das barreiras construídas pelo racismo, podem também figurar como espaços de entrelaçamento e produção de sentidos particulares ao mesmo tempo em que remetem a modos de ser e estar da diáspora africana.

O caráter coletivo dos clubes negros, a partir de suas atividades recreativas, políticas, educacionais, sociais nos leva a considerar a articulação entre as dimensões política e cultural, com foco para além da inserção econômica dos negros e negras que se associam a elas. Impulsiona também a reflexão sobre ausências na historiografia do movimento negro no século XX. Os grupos organizados sob demandas políticas, sociais e culturais são lidos, neste texto, como movimentos sociais. A definição usual, portanto, será ampliada de modo a abarcar uma diversidade de arranjos, agentes e modelos de organização. Ao voltarmos-nos para as estratégias de articulação da população negra, nas Américas, de modo geral, e no Brasil, de modo específico, localizamos uma diversidade de modelos de organização. Para Santos (apud GOMES, 2017, 22), “os movimentos sociais em uma concepção mais alargada englobam um conjunto de ações de mobilização política, de protesto antirracista, de movimentos artísticos, literários e religiosos (...) fundados e promovidos por negros(...)”. Apresentaremos abaixo um modelo esquemático adotado por Santos, e elaborado por Paulo Roberto dos Santos¹¹.

charme, bailes de samba rock e rodas de samba. Nesses territórios configura-se a ocupação contextual, na maior das vezes para a realização dos eventos supracitados, o que transformaria espaços isentos da ocupação organizada de negros em territórios negros. Não seria, para tanto, a mobilidade dos espaços, mas dos sujeitos frequentadores que permitiria que o espaço viesse a ser considerado ocasional. Trata-se, por exemplo, de um Baile Black que ocorra em um Clube Militar, ou seja, o espaço é reconhecido como um espaço de socialização de militares, no entanto, naquele momento recebe uma nova configuração e significado, transformando-se em um espaço de sociabilidade se não exclusivamente negro, regido pelas relações e dinâmicas da cultura negra.

¹¹Santos, Paulo Roberto dos. Instituições afro-brasileiras (A prática de uma contemporaneidade). Centro de Estudos Afro-Asiáticos. Rio de Janeiro, 1984 Mimeo. O documento original não foi localizado.

Figura 2: organograma das instituições afro-brasileiras



As organizações negras são caracterizadas por uma multiplicidade de atores, modelos, demandas e estratégias, em sua maioria coletivas, de enfrentamento, questionamento ou de organização da população negra, segundo Santos (1994, p. 95) é importante demarcar que as instituições religiosas e recreativas- como é o caso dos clubes- sempre possuíram caráter de resistência.

Cabe nesta perspectiva a compreensão de que Quilombos, Irmandades Religiosas, Associações, Sociedades e Agremiações; Blocos Carnavalescos; Escolas de Samba; Jornais; Grupos Teatrais; Coletivos, Blocos Afro, Manifestações políticas-artísticas como o hip-hop, o funk, o Samba, etc., o Movimento de Mulheres Negras, Movimento Negro- -considerando suas inúmeras vertentes- são exemplos de organização da população afrodiáspórica. Neste âmbito, os clubes representaram, desde sua fundação, espaços de resistência em uma sociedade racialmente dividida e estruturada na desumanização das práticas, conhecimentos e experiências de negros e negras.

Interpretados por uma vasta literatura das Ciências Humanas e, em específico das Ciências Sociais, como importantes agentes de transformação, os movimentos sociais marcam sua atuação junto a realidade brasileira. O papel desses movimentos no processo de abertura

democrática, seja na articulação de base buscando construir estratégias de sobrevivência e resistência as restrições e perseguições impostas pelo regime militar, seja nas articulações para o fim daquele regime, ou ainda, anos antes, nas lutas por direitos trabalhistas, direito ao voto e as liberdades individuais, coube aos grupos organizados atuar na disputa por direitos. A partir de suas contribuições para a (re)construção de um ambiente social e político democrático, esses movimentos passaram a incorporar demandas diversas. Interligadas a contextos nacionais e internacionais.

2.2. O Movimento Clubista

No ano de 2006 o Movimento Clubista juntamente com outras representações da cultura afro-brasileira- remanescentes de quilombos, religiosidade (terreiros) e grupos de afro-axé e samba- organizou o I Encontro Nacional de Clubes e Sociedade Negras em Santa Maria/RS. Segundo a Carta de Santa Maria¹² o Encontro foi organizado em três eixos centrais: Clubes e Sociedades Negras, Centros de Cultura Afro, Ecomuseus e Museus Comunitários. Teve como objetivo promover a visibilidade e o resgate da memória de tais espaços de sociabilidade negra. Segundo o documento estiveram presentes cerca de 300 participantes de 53 clubes negros do Rio Grande do Sul, e 14 de outros estados entre eles São Paulo, Santa Catarina, Minas Gerais, Bahia, Rio de Janeiro.

Segundo dados da pesquisadora Giane Vargas Escobar e da página on-line do Clube Palmares foi possível organizar um levantamento preliminar dos Clubes e Sociedades Negras no Brasil¹³. Sobre o levantamento é necessário destacar o predomínio dos Clubes nas regiões Sudeste e Sul, especificamente no Estado do Rio Grande do Sul. A data de fundação dos Clubes também varia relativamente, indicando que eles surgiram a partir do final do século XIX, por volta de 1870, até meados do século XX. Segundo Escobar (2010, p.57), a origem dos Clubes Negros é anterior a Abolição da Escravatura(1888), sem deixar de estar diretamente relacionada a seu contexto. A informação pode ser verificada a partir da data de surgimento do Clube Sociedade Floresta Aurora, que segundo registros, remonta ao ano de 1872.

¹² A *Carta de Santa Maria* consiste no documento produzido durante o *I Encontro de Clubes Sociais Negros* no Brasil, a partir das demandas apresentadas pelo movimento clubista e intelectuais presentes.

¹³ O levantamento preliminar foi realizado com base nos dados apresentados na Dissertação *Clubos Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra e patrimônio e potencial* de autoria de Giane Vargas Escobar(2010) e dados disponíveis na página oficial do Clube Palmares (<http://clubepalmares.blogspot.com.br/p/clubes-negros-brasil.html>). O levantamento referente aos Clubes Sociais localizados na região Sudeste poderá ser observado nas páginas que seguem, já para o levantamento dos Clubes localizados nas demais regiões indica-se o acesso as fontes supracitadas.

Partindo das informações já apresentadas destaca-se que o surgimento dos Clubes remonta ao surgimento de uma “elite negra”. Segundo Bastide e Fernandes (2008, p.233), " A proletarização dos indivíduos de cor e a integração concomitantemente de uma porção deles às classes médias marcam o fim de um período e o começo de uma nova era na história do negro na vida econômica de São Paulo". Os Clubes surgirão, portanto, como alternativas à parcela desta população que conquistou mobilidade social, em especial, funcionários públicos, artistas e educadores visando o acesso destes aos espaços recreativos e culturais (Escobar, 2010).

A interdição dos membros da nova elite de frequentarem os tradicionais espaços da “elite branca”, bem como seu reduzido ou nulo acesso aos bens e serviços de responsabilidade do Estado aponta como alguns dos principais motivos para a constituição dos clubes. Para além desse marcador, os clubes surgiam como o objetivo de angariar recursos para custear a alforria de negros escravizados, além de auxiliar nas despesas de funerais, na educação de seus associados e na defesa de seus direitos. Os espaços de atuação dos Clubes indicam que muitas das suas iniciativas visavam minimizar a ausência do Estado no atendimento aos direitos básicos da população negra no período pré e pós abolição.

Os dados publicados até o momento, a partir de um estudo preliminar das instituições envolvidas, indicam a presença dos Clubes Sociais Negros em cinco (5) regiões geográficas do país, são elas: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Segundo dados da pesquisadora Giane Vargas Escobar (2010) e da página on-line do Clube Palmares foi possível organizar um levantamento preliminar dos Clubes e Sociedades Negras no Brasil¹⁴. Sobre o levantamento é necessário destacar o predomínio dos Clubes nas regiões Sudeste e Sul, especificamente no Estado do Rio Grande do Sul. A data de fundação dos Clubes também varia relativamente, indicando que eles surgiram a partir do final do século XIX, por volta de 1870, até meados do século XX. Segundo Escobar (2010, p.57), a origem dos Clubes Negros é anterior a Abolição da Escravatura(1888), sem deixar de estar diretamente relacionada a seu contexto. A informação pode ser verificada a partir da data de surgimento do Clube Sociedade Floresta Aurora, que segundo registros, remonta ao ano de 1872.

¹⁴ O levantamento preliminar foi realizado com base nos dados apresentados na Dissertação *Clubos Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra e patrimônio e potencial* de autoria de Giane Vargas Escobar (2010) e dados disponíveis na página oficial do Clube Palmares (<http://clubepalmares.blogspot.com.br/p/clubes-negros-brasil.html>). O levantamento referente aos Clubes Sociais localizados na região Sudeste poderá ser observado nas páginas que seguem, já para o levantamento dos Clubes localizados nas demais regiões indica-se o acesso as fontes supracitadas.

Pesquisas preliminares apontam um número inferior de trabalhos destinados a análises dos Clubes Sociais localizados na região sudeste em comparação aos trabalhos referentes aos Clubes localizados na região Sul¹⁵ (DUBOIS, 2005; ESCOBAR, 2010, GOMES, 2009; HERMANN, 2011; JESUS, 2005; SILVA, 2011; PEREIRA, s.d.), em especial no Estado do Rio Grande do Sul. Considerando-se, como exposto anteriormente, que os Clubes estão localizados em sua maioria nessas regiões – sul e sudeste- análises das associações localizadas na região sudeste poderão contribuir para os estudos sobre a sociabilidade da população negra e suas organizações.

Quadro 1: Mapeamento preliminar dos Clubes Sociais Negros da Região Sudeste do Brasil

CLUBE SOCIAL NEGRO	CIDADE	ESTADO
Clube Palmares (1926)	Volta Redonda	Rio de Janeiro
Clube Renascença (1950)	Rio de Janeiro	Rio de Janeiro
Clube 13 de maio	Divino	Minas Gerais
Clube 13 de maio	Coronel Fabriciano	Minas Gerais
Clube 13 de maio	Araguari	Minas Gerais
Clube Black Chic	Uberlândia	Minas Gerais
Clube Chico Rei	Poços de Caldas	Minas Gerais
Clube dos Cutubas	Leopoldina	Minas Gerais
Clube Flor da Mocidade	Recreio	Minas Gerais
Clube Mundo Velho(1894)	Sabará	Minas Gerais
Clube José do Patrocínio	Prata	Minas Gerais
Clube Palmeiras	Ituiutaba	Minas Gerais
Clube Princesa Isabel	Itabira	Minas Gerais
Clube Raça Negra	Frutal	Minas Gerais
Clube União	Araxá	Minas Gerais
Clube União	Patrocínio	Minas Gerais
Elite Clube	Uberaba	Minas Gerais
Aristocrata Clube	São Paulo	São Paulo
Associação José do Patrocínio	Salto	São Paulo
Associação Rio Pretense	São José do Rio Preto	São Paulo
Associação Tamoyo	Rio Claro	São Paulo
Centro Afro-brasileiro Henrique Dias	Matão	São Paulo
Centro Cultural Recreativo Benedito Carlos Machadono	Campinas	São Paulo

¹⁵ O Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria tem realizado pesquisas de considerável relevância para a temática.

CLUBE SOCIAL NEGRO	CIDADE	ESTADO
Clube 13 de Maio	Bragança Paulista	São Paulo
Clube 7 de Setembro	Itatiba	São Paulo
Clube 28 de Setembro (1897)	Jundiaí	São Paulo
Clube 28 de Setembro	Sorocaba	São Paulo
Clube Aristocrata	Jaú	São Paulo
Clube Estrela do Oriente	Barretos	São Paulo
Clube José do Patrocínio	Bebedouro	São Paulo
Clube José do Patrocínio	Ribeirão Preto	São Paulo
Clube José do Patrocínio	Rio Claro	São Paulo
Clube Luiz Gama	São João da Boa Vista	São Paulo
Clube 13 de Maio e Salgueiro	Tupã	São Paulo
Clube Recreativo Itaraí	Bauru	São Paulo
Clube Tietê	Tietê	São Paulo
Clube do Torcedor	São Paulo	São Paulo
Esporte Clube Hepacaré	Lorena	São Paulo
Grêmio Recreativo Limeirense	Limeira	São Paulo
Grêmio Recreativo Flor de Maio	São Carlos	São Paulo
Sociedade Recreativa Princesa	Batatais	São Paulo
Sociedade 13 de Maio (1901)	Piracicaba	São Paulo

FONTE: Dados organizados pela autora segundo as fontes ESCOBAR, 2010 e <http://clubepalmares.blogspot.com.br/p/clubes-negros-brasil.html>

Parte-se da hipótese de que a concentração de clubes nas regiões sul e sudeste, regiões que apresentam historicamente um menor percentual da população negra no comparativo com as demais regiões do país, foi resultante de um acirramento da discriminação e do preconceito racial nos espaços tradicionais de educação, recreação e sociabilidade. Segundo Andrews (2007, p. 160),

Ignorando países como Venezuela, Colômbia, Peru e México, em vez disso, eles [os imigrantes] se dirigiram para a Argentina, Brasil, Cuba e Uruguai, que receberam 90% dos 10 a 11 milhões de europeus que chegaram à região entre as décadas de 1880 a 1930. No Brasil, os imigrantes evitaram o Nordeste economicamente estagnado e fluíram para os Estados do Sudeste e do Sul.

Considerando um salto histórico na análise das organizações negras, podemos afirmar que a educação tem se apresentado como uma das principais pautas das organizações negras

nos diferentes momentos da sociedade brasileira, como por exemplo, o destacado envolvimento do Movimento Negro na aprovação da Lei 10.639/03¹⁶ e da Lei 12.711/12¹⁷.

¹⁶ A Lei 10.639/03 foi a primeira lei sancionada pelo Governo Lula após sua posse no ano de 2003. A lei determina a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em todos os níveis de ensino do Brasil e todas as escolas, públicas e privadas. A lei é seguida pelo Parecer 003/2004 que orienta a implementação da referida lei atribuindo as competências, estratégias de formação, níveis de inclusão e formação inicial e continuada na responsabilidade para a implementação da lei, além do incentivo à produção de material didático e paradidáticos, além de dar destaque às experiências do movimento negro e dos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros. Além da lei e de seu parecer, no ano de 2014 foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (Resolução 001/04). Esse documento orienta a implementação da lei nas escolas e secretarias de ensino, oferecendo as diretrizes e perspectivas teóricas para sua efetiva implementação. O Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana tem como objetivo fortalecer e institucionalizar as orientações que já existiam, de modo a explicitar as metas e estratégias para a execução da Lei 10.639/2003; delimitação de responsabilidades dos atores governamentais; proposição de ações de formação de professores; sensibilização de gestores; e produção de material didático (ALMEIDA; SANCHES, 2016)

¹⁷ A ação afirmativa na educação pública brasileira foram estabelecidas a nível nacional por meio da implementação de Lei nº 12.711 no ano de 2012. Até esse momento as iniciativas para a implementação couberam a cada instituição, respeitando sua autonomia decisória. A Lei implementa um modelo a ser adotado, sem ferir modelos que contemplem o texto legal, sendo assim ela estabelece cotas para estudantes de escolas públicas e negros (pretos e pardos) em processos seletivos de instituições públicas de ensino - universidades, institutos federais e colégios de aplicação.

3. METODOLOGIA

A organização prévia dos Clubes Sociais nos permite confirmar duas questões centrais para a pesquisa, à saber: a distribuição geográfica dos Clubes Sociais Negros¹⁸; e a indicação da data de fundação de algumas das organizações, reafirmando que os Clubes Sociais Negros foram fundados, em sua maioria, na Primeira República. Como metodologia serão utilizadas técnicas de pesquisa qualitativas apoiadas nos estudos da memória, especificamente, na história oral além de entrevistas de profundidade e levantamento bibliográfico visando desenvolver um estado da arte sobre Clubes Sociais Negros.

A partir do exposto, indicar-se que a pesquisa utilizará como fonte de dados, respectivamente: (1) bibliografia específica sobre relações raciais; (2) atas, relatórios, reportagens jornalísticas, estatutos, regimentos e registros fotográficos dos Clubes Sociais Negros, em específico o Grêmio Familiar e Recreativo Flor de Maio¹⁹; (3) documentos oficiais, mapeamentos oficiais sobre os Clubes Sociais Negros; (4) acervos pessoais relacionados aos membros do Clube e as atividades destes como, por exemplo registros fotográficos; (5) visita as sede do Clube; (6) observação participante; (7) anotações de campo; (8) registros fotográficos.

Quanto às fontes bibliográficas da pesquisa, destaca-se que serão utilizadas fontes que contemplem, a partir da reflexão dos Estudos Pós-Coloniais: a construção histórica e social da presença da população negra no país, especificamente no período pré e pós-abolição; a dimensão do associativismo negro; o contexto republicano relacionado a inserção do negro na emergente sociedade de classes.

¹⁸ Segundo os dados obtidos nas fontes indicadas e organizados pela autora do projeto, foi possível identificar 81(oitenta e um) Clubes ou Sociedade Negras localizados na região Sul e 42(quarenta e dois) na região Sudeste.

¹⁹ O Museu Treze de Maio é o primeiro museu da cultura negra do Rio Grande do Sul, inaugurado em 2001, com o objetivo de resguardar o patrimônio imaterial, cultural da população negra. Atualmente, o Museu possui um importante acervo referente aos Clubes Sociais Negros do Brasil.

4. O ESTADO DA ARTE: TESES E DISSERTAÇÕES

Clubes Sociais Negros, considerando seu aspecto associativo e suas dinâmicas internas, compõe parte das análises que serão apresentadas neste texto. Primeiramente, apresentaremos o estado da arte sobre os temas que circundam esta pesquisa. O levantamento, que será apresentado, foi elaborado na base de dados BDTD a partir dos termo chave: Clubes Sociais Negros. A base dá acesso as teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação do país. Segue um quadro síntese com o quantitativo de trabalhos localizados na base.

Quadro 2: Estado da arte das teses e dissertações sobre Clubes Sociais Negros no Brasil

Termo de busca	Clubes Sociais Negros		
Caracterização do trabalho	Teses	Dissertações	Total
Nº de trabalhos	02	12	14

Fonte: dados da pesquisa. 2018

O termo adotado no levantamento foi selecionado a partir da compreensão de que era preciso observar, em pesquisas anteriores, abordagens em relação ao papel desempenhado pelos Clubes Sociais, primordialmente, quanto a suas contribuições para a sociabilidade da população negra. Os trabalhos foram analisados a partir da mesma categoria- Clubes Sociais Negros. Essa opção metodológica foi orientada pela necessidade de se compreender as definições utilizadas nos trabalhos e suas articulações, bem como conexões com esta pesquisa.

No hall das dissertações e teses selecionadas a partir do termo chave Clubes Sociais Negros constata-se uma compreensão unanime de essas associações desempenham um importante espaço na construção das sociabilidades da população negra desde o final do período escravocrata chegando aos dias atuais. Batista (2015, p. 48) considera os Clubes Sociais Negros “determinantes para a permanência socializadora dos afrodescendentes nos territórios urbanos”. É sobre essa compreensão que os demais trabalhos circulam. Como podemos constatar a partir de dissertação de Giane Escobar “Ele os [os clubes] surgiram como um contraponto à ordem social vigente, além de constituírem um local de sociabilidade e de lazer para a população negra, que era impedida de frequentar os tradicionais “clubes sociais brancos” (2010, p. 57). Ou seja, há uma leitura que reconhece os Clubes Sociais Negros como importantes espaços de socialização. A abordagem delimita ainda outro aspecto que nos é caro

no que trata das associações. São associações, majoritariamente, constituídas no espaço urbano. O que cabe uma reflexão sobre o lugar do negro nas cidades.

Neste sentido, outra unanimidade nos textos analisados trata da criação dos clubes em oposição restrições impostas pela sociedade. Os clubes se formam devido a impossibilidade dos negros, agora trabalhadores livres e que gozam de certa mobilidade econômica, acessar espaços anteriormente destinados apenas aos homens livres, homens brancos. Os clubes surgem, portanto, como uma alternativa tanto de lazer quanto do fazer político, já que muitos ocuparam espaços de prestígio nos centros urbanos. Quando não ocupavam com suas sedes, o faziam por meio dos eventos realizados- os bailes. O urbano é a tônica dos clubes, bem como dos eventos realizados por eles. Existe, portanto, uma especificidade em torno do debate sobre as comunidades formadas muitas vezes pela exclusão em relação a ocupação das áreas nobres das cidades, criando determinados espaços onde se formam determinados tipos de sociabilidade.

A dissertação de Eráclito Pereira sobre o centro cívico Cruz e Souza, localizado na cidade de Lages, Santa Catarina, traduz a afirmação realizada e acrescenta novos questões.

São os membros destas mesmas elites que fundam os jornais, criam grupos e espaços de lazer tais como blocos carnavalescos, grupos teatrais, fundações beneficentes e os famosos clubes sociais, onde a população negra era impedida de frequentar, como citado anteriormente, o objetivo das elites era se afastar de manifestações culturais públicas, e uma vez em espaços privados, valer-se da imprensa, para dar visibilidade pública às suas pretensões socioculturais e políticas (Pereira, 2013, p. 22).

Pereira reafirma o impedimento da população negra em frequentar os clubes de elite, assim como o fazem Domingues (2004, 2007, 2008), Escobar (2010), Giacomini (2006), Andrews (2004) entre outros autores. Aspecto relevante desta passagem trata da importância da imprensa para a divulgação dos eventos realizados nos clubes. Questão que também irá se reproduzir quanto se tratar dos clubes sociais negros. O papel da imprensa negra na divulgação e vínculo com os clubes é primordial e deverá ser aprofundado nesse estudo. Um dos trabalhos analisados analisa essa relação. Trata-se da dissertação de Fernanda Oliveira Silva. Sua análise versa sobre os espaços ocupados por negros na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. Para Oliveira (p. 137), sua análise sobre as páginas do Jornal Alvorada indicam que

Os assuntos abordados nos artigos evidenciam a procura e defesa de uma identidade racial positiva para si, ou seja, para o grupo em questão. No entanto, é necessário destacar que esta não era uma posição homogênea isenta de ambiguidade, visto que por vezes elencavam elementos da ideologia do branqueamento, principalmente no tocante a busca por um comportamento puro e uma organização semelhante aos padrões das associações brancas, principalmente em relação aos clubes sociais. Acreditamos que esta ambiguidade não inviabiliza a manutenção de uma identidade negra positiva, auxiliam assim a percebermos características próprias de uma sociedade que restringiu por muito tempo o acesso dos negros às demais associações.

Na elaboração de um quadro geral a partir dos trabalhos analisados é possível constatar referências aos eventos realizados pelos clubes. Em sua significativa maioria tratavam-se dos bailes. Nesses trabalhos o baile aparece como alternativa de sociabilidade, como estratégia de sobrevivência de músicos e dos próprios clubes. Batista (2015, p. 130) ao se referir a dinâmica do Clube Sociedade Floresta Aurora retoma essa abordagem “A Sociedade Beneficente Floresta Aurora prestava assistência aos associados de baixa renda inclusive com auxílio funeral. Todavia, os bailes, festas jovens e carnaval, carnaval infantil, baile do chope, atividades esportivas, além das apresentações culturais eram destaques nas atividades mais procuradas”.

Batista prossegue apresentado outra questão que já foi apontada nesse texto. O rigor dos trajes aceitos nos bailes realizados nas sedes dos clubes ou realizados pelos clubes em sedes alugadas. Esse tópico também nos chamou a atenção durante a pesquisa de campo. Mesmo os bailes com características menos formais (essas características podem ser elencadas a partir das estratégias de divulgação utilizadas, do local de realização do evento, do perfil do público), ainda assim, nota-se um determinado preciosismo e atenção aos trajes e comportamentos. Nitidamente esse preciosismo era mais visível quando nos eventos promovidos pelos clubes. Retomando as análises de Batista, exemplificamos “No auge, porém, os badalados bailes [organizados pela Sociedade Beneficente 13 de Maio] eram disputadíssimos com assédio de caravanas de todas as partes. O traje a rigor impecável era imperativo para o acesso ao recinto. Casa e mesas lotadas”. (Batista, 2015, p. 145).

A constituição de um espaço de sociabilidade atravessado pelo baile, em associações que a primeira vista pareciam ser “só para bailes” não dissociou os eventos da ação política. Como já mencionamos, houve divergências na compreensão do papel desempenhado pelos Clubes até mesmo dentro dos movimentos negros. Para alguns militantes, esses estavam atrelados a despolitização. No entanto, defendo a fundamental contribuição desses espaços como constituintes de relações organizacionais do grupo. E como afirma Escobar, que paulatinamente se afirmavam como uma “raça” com capacidade de organizar e construir espaços de poder (Escobar, ano, p. 77).

5. PATRIMÔNIO MATERIAL, IMATERIAL E MEMÓRIAS: CLUBES SOCIAIS

Demandas pelo tombamento dos clubes, sociedades e práticas culturais da comunidade negra perpassam o campo da memória social e da identidade, ambos considerados com centralidade nos processos constitutivos do reconhecimento de si e do grupo. Quilombos, irmandades e clubes representaram espaços de resistência em uma sociedade racialmente dividida e estruturada sob um padrão de sub-humanidade atrelada a população negra, na qual a escravidão dos povos africanos, nas Américas e na Europa, representou um sistema em que a origem racial/étnica concedia ou retirava -juridicamente- status de humanidade aos sujeitos.

Articulados majoritariamente no pós-abolição, marcados pela mobilidade social propiciada pela inclusão – periférica- na sociedade de classes, negros e negras passam a organizar espaços de sociabilidade específicos. A sociabilidade desenvolvida nos clubes tem sido explanada por seu caráter recreativo, cultural e assistencialista. Dentre algumas reflexões a própria classificação construída na academia nos indica algumas questões. Enquanto espaços de sociabilidade, os clubes configuraram-se como espaços das memórias.

No decorrer da história clubes e sociedades construíram, paulatinamente, suas próprias sedes sociais. Diferentemente dos demais clubes, os interlocutores da pesquisa e a bibliografia específica, retratam a construção das sedes a partir dos mutirões. Os mutirões ocorreram, muitas vezes, aos finais de semana, já que os membros- ferroviários, professores e professoras, servidores públicos- desenvolviam atividades profissionais durante a semana. Dentre as inúmeras sociedades e clubes construídos a partir do fim jurídico do regime escravista, muitas delas foram extintas pelos mais diversos motivos. Desde dívidas adquiridas relacionadas a questões trabalhistas, passando pela manutenção dos espaços, dificuldade em construir identificação com os membros mais jovens da comunidade e até mesmo sob ações de apropriação privada de bens e créditos pertencentes aos clubes inviabilizando a manutenção de diversas sedes. Nos clubes em atividade, a demanda pelo reconhecimento enquanto patrimônio material das sedes sociais tem sido crescente. O tombamento das sedes é representativo inclusive para a manutenção e condição de sobrevivência material de diversos clubes.

A principal relação exposta no texto da Mariza Veloso (2007) refere-se aos conflitos e interesses envolvidos nos processos de tombamento que, em alguns casos, relacionam-se com a coisificação do bem a ser tombado. Esse processo destacado pela autora a partir do embasamento teórico no marxismo pode ser expresso baseado em uma gama de interesses que se voltam a mercantilização do bem, ou a rentabilidade do mesmo mais do que seu valor

histórico, humano e cultural. De acordo com Veloso “O patrimônio cultural, tanto o material quanto o imaterial, extraem sua singularidade por expressarem "marcas de distinção que, por sua vez, remetem a situações específicas vividas por uma determinada comunidade””. Essas marcas de distinção no capitalismo tardio que transforma em mercadoria não apenas os bens materiais dos quais se aplica a força de trabalho, mas também o incomensurável é marcado pela monetarização de bens e patrimônios materiais e imateriais. Esse processo de expansão da monetarização voltada a exploração meramente capitalista, somado a dimensão cada vez mais acentuada que o status representa neste acende um sinal de alerta para os conflitos e aos interesses relacionados aos processos de tombamento dos clubes sociais.

Ao ser tombada, ou seja, reconhecida como patrimônio municipal, estadual, federal ou mundial um bem, um espaço físico ou uma prática tem a ele atribuído um outro valor em relação àqueles que não passaram pelo mesmo processo. Nos tópicos seguintes buscarei fazer uma análise similar quando se trata do “Flor de Maio”. Como fica estabelecido o lugar do patrimônio no mercado de bens simbólicos existente na sociedade contemporânea brasileira? Partindo da questão elaborada por Veloso buscarei explorar essas relações junto aos sentidos e significados atribuídos e articulados ao “Flor de Maio” após seu tombamento.

O reconhecimento das sedes sociais enquanto patrimônio material vincula-se diretamente as demandas pelo reconhecimento das atividades culturais nelas desenvolvidas. Cabe destacar as dimensões políticas que atravessam as demandas por reconhecimento. Cabe ainda destacar desde a condição de manutenção desses espaços e das práticas desenvolvidas em seu interior.

5.1. Clubes Sociais Negros: memórias e histórias

A rearticulação dos Clubes Sociais e Sociedades Negras, marcada pelos dois encontros nacionais²⁰ e em especial pela publicação da Carta de Santa Maria (2006), contribuiu para a análise do contexto de formação desses espaços, da tipologia das atividades desenvolvidas, para as demandas por patrimônio (material e imaterial) dos clubes e para a percepção do associativismo negro²¹ como um campo de análise. Associado ao contexto descrito somam-se a

²⁰ O *II Encontro Nacional de Clubes Negros* ocorreu na cidade de Sabará/MG, no ano de 2010. E produziu como documento final a *Carta de Sabará* documento teve como objetivo apresentar as demandas do Movimento Clubista daquele momento.

²¹ O debate sobre associativismo negro a ser desenvolvido propõe dar ênfase a dimensão cultural no estabelecimento das demandas e caráter das associações, a ainda na esfera da constituição de formas de sociabilidade desenvolvidas por negros e negras no Brasil.

emergência de uma série de trabalhos (dissertações, teses e artigos)²² que visam analisar sob diversos aspectos, os Clubes e Sociedades Negras no Brasil.

Dentre as associações que continuam desenvolvendo atividades, um número significativo tem demandado ao Estado seu reconhecimento enquanto Patrimônio Imaterial por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e as Secretarias Estaduais de Cultura e os Conselhos responsáveis. Esta reflexão pretende discutir as dimensões das demandas pelo reconhecimento desses Clubes enquanto Patrimônio Material e Imaterial junto as secretarias municipais, estaduais e ao IPHAN.

A partir da Constituição Federal de 1988, nos Artigos nº 215 e nº 216, a noção de patrimônio foi expandida passando a reconhecer os bens culturais de natureza imaterial e material, além de estabelecer formas de proteção a edificações, paisagens, conjuntos históricos e urbanos. O IPHAN entende que os bens culturais imateriais se manifestam em saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações, formas de expressão (plásticas, cênicas, musicais) e ainda por lugares, como, feiras, mercados, santuários.

O movimento clubista apresentou o reconhecimento dos Clubes Sociais Negros como patrimônio imaterial e cultural, expondo um importante debate sobre a questão. Esse movimento, como se pode constatar nos parágrafos acima, apresentou já na Carta de Santa Maria a demanda por este reconhecimento. Escobar ao referenciar Garbinatto (2010, p. 81), destaca “[...]patrimônio é uma construção social coletiva, revestido por redes de significados e inclui relações de poder intrínsecas à própria construção de patrimônio. Pertence a todos e todos os cidadãos devem ter o direito e dever de preservá-lo, como possibilidades de resgate de sua identidade social (dentro de sua comunidade de origem) e individual (frente a frente consigo mesmo no espelho de sua alma).”

O reconhecimento dos clubes marca a importância dos espaços para a memória social de uma comunidade, ao consideramos que as experiências de negros e negras no Brasil é uma experiência coletiva, na qual o compartilhamento de vivências é constitutivo com e pelo grupo. Segundo Gilroy(2012), o debate sobre a diáspora negra pautado nas comunidades de sentimento e de interpretação, tem a capacidade de redimensionar a tradição a partir do questionamento da própria dimensão da modernidade. Nesse sentido, entre o passado imemorial e um presente “conhecido” a retomada da interpretação da história a partir das tensões inerentes a diáspora africana constituem uma mudança no ordenamento temporal de uma política negra moderna.

²² Sobre pesquisas relacionadas aos Clubes e Sociedades Negras indica-se a leitura das seguintes referências: ESCOBAR, 2010; HERMANN, 2011, JESUS, 2005; SILVA, 2011, DOMINGUES, 2010.

Nessa mudança, espaço e tempo passam então a ser considerados em relação. Tradição, modernidade, temporalidade e memória social passam, tão logo a ser revisitados na política negra moderna. Gilroy retoma Benjamin ao discutir a importância do narrador na retomada de uma memória viva.

O contar e o recontar dessas histórias desempenha um papel especial, organizando socialmente a consciência do grupo “racial” e afetando o importante equilíbrio entre atividade interna e externa-as diferentes práticas, cognitivas, habituais e performativas, necessárias para inventar, manter e renovar a identidade. Essas práticas constituíram o Atlântico Negro como uma tradição não tradicional, um conjunto cultural irredutivelmente moderno, excêntrico, instável e assimétrico, que não pode ser apreendido mediante a lógica maniqueísta da codificação binária. Mesmo quando a rede utilizada para comunicar seu conteúdo versátil tem sido coadjuvante na venda da música popular negra, há uma relação direta entre a comunidade de ouvintes construída no curso da utilização dessa cultura musical e da constituição de uma tradição que é redefinida aqui como memória viva de um mesmo mutável (Gilroy, p.371, 2012)

Localizamos dimensões distintas e complementares do debate sobre memória social e identidade. Os clubes representam, por um lado espaços de memória, ambientes que trazem ao mesmo tempo memórias individuais e coletivas (HALBWACHS, p. 157, 2003). O tombamento das sedes, como no caso do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, demanda não apenas a manutenção de uma estrutura física frente a dívidas e a dimensão de um patrimônio econômico, até mesmo por que cabe a nós destacar, que os clubes não possuem um proprietário, pertencem a comunidade negra. A responsabilidade administrativa e financeira dos clubes recai sobre uma diretoria e sua presidência, comumente eleitas pelos membros. As sedes sociais constituem-se como espaços de memória de um grupo no interior de uma comunidade. Trazem a marca de um grupo ao mesmo tempo em que recordam costumes e dinâmicas deste mesmo grupo no passado (HALBWACHS, p. 157-158, 2003).

Segundo informações do Portal Brasil, um levantamento preliminar dos clubes foi realizado pelo IPHAN, SEPPIR e Fundação Cultural Palmares (FCP), que, por meio de um acordo de cooperação técnica, deram início ao mapeamento²³- ainda em andamento- dos Clubes. A finalidade é o conhecimento da história negra, bem como o reconhecimento de tais espaços com vistas ao cumprimento da lei 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira. O mapeamento tem ainda a finalidade de facilitar

²³ De acordo com as informações publicadas na página oficial da SEPPIR serão realizadas entrevistas com representantes dos clubes para reunir informações sobre a situação dos locais, os sentidos e significados atribuídos a eles, suas áreas de atividades, histórico de atuação, entre outros temas. O IPHAN tem interesse na realização desse mapeamento devido à solicitação de Registro dos Clubes Sociais Negros do Brasil. Pedido entregue ao Instituto em 2009 pela Comissão Nacional de Clubes Sociais Negros- criada no I Encontro Nacional de Clubes e Sociedades Negras.

as ações voltadas a manutenção da memória destas entidades²⁴ por meio da manutenção dos espaços físicos. A memória aqui pressupõe um espaço. Um espaço que precisa ser pensado também com os costumes a ele referenciados. No caso dos clubes, destacam-se os bailes e em alguns, os desfiles de miss, como grandes referências dos costumes ou melhor das dinâmicas culturais e políticas construídas a partir e nesses espaços. Nos bailes, ritmos específicos fazem referência e salvaguarda as memórias coletivas. O Samba-Rock²⁵ e o Charme²⁶ nos permitem construir hipóteses futuras para o aprofundamento da análise sobre o elo entre Clubes Sociais e Bailes Black. Segundo Gilroy (p. 312, 2012), o resgate de uma cultura vernácula seria reelaborado por meio de processos ativos e dinâmicos. Sagrados ou profanos, para o autor, nesses processos o uso da música se faz presente nas situações mais importante desses rituais.

5.2. Grêmio Recreativo e Familiar Flor De Maio

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. O “Flor de Maio” está localizado na cidade de São Carlos²⁷, no interior do estado de São Paulo. Foi fundado em 04 de maio de 1928 exclusivamente por negros funcionários da Companhia Paulista (Fepasa)²⁸. Entrevistas, acesso ao documentário “Flores de Maio: Histórias da Comunidade Negra em São Carlos”, aprofundamento bibliográfica a partir das produções realizadas sobre o clube²⁹ e a inserção no clube contribuíram para a compreensão do contexto e das dinâmicas da fundação,

²⁴ Segundo o ex-ministro da SEPPIR²⁴, Edson Santos, “A existência de Clubes Sociais Negros é a prova da existência da segregação no período posterior à abolição. O papel da SEPPIR é articular a recuperação da história dessas agremiações, promover a recuperação do seu patrimônio e dialogar com os clubes com o objetivo de dotá-los de sustentabilidade, sem traço paternalista do Estado”.

²⁵ Segundo Oliveira (2008, p.10), existem versões sobre o surgimento do termo samba-rock por conta da ordem com que as músicas eram executadas nos bailes, alternando-se ora uma canção de rock, ora um samba. Assim, primeiramente se falou em “rock-samba”, e até mesmo se utilizava apenas o termo “rock”, para só depois se afirmar o nome “samba-rock”. Expressões como “É bom esse rock?” ou “Você sabe dançar esse rock?”, eram frequentemente utilizadas, mesmo que estivesse tocando no baile alguma música brasileira ou até mesmo um jazz americano.

²⁶ O Charme é um estilo musical inspirado na Black Music norte americana, nascido da mistura do hip hop e do soul. Nos bailes de charme nota-se a predominância de música internacionais, com grandes nomes da cultura negra norte-americana. É uma dança coletiva, em que todo o grupo desenvolve passos idênticos ao ritmo da música. O baile Charme do Viaduto de Madureira, por exemplo, ocorre a 25 anos. Nos bailes Black do estado de São Paulo (capital e interior) o Charme ocupa os intervalos entre grupos musicais ou djs.

²⁷ Localizada no centro geográfico do Estado de São Paulo, a cidade de São Carlos possui cerca de 243 mil habitantes (IBGE).

²⁸ O sociólogo Marcio Macedula Aguiar realizou um trabalho sobre as organizações negras na cidade de São Carlos, entre elas o Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. Este trabalho é utilizado como uma referência para as análises propostas.

²⁹ Aguiar(2007), Moura (1988), Escobar(2010), etc.

funcionamento e das relações com o tombamento na atualidade e ainda de algumas referências importantes ao período posterior a sua fundação.

Como já mencionado, o “Flor de Maio” teve sua atual sede construída no regime de mutirão em um terreno doado pela prefeitura da cidade de São Carlos/SP. De acordo com as informações da dissertação de Aguiar (1998, p. 50), a construção da sede exigiu sacrifícios relacionados principalmente a questão financeira. Questão que percorre toda a trajetória do clube. Nos dias atuais esse é um dos principais pontos de tensão entre a atual diretoria, parte de seus sócios e parte da comunidade negra que tem requerido participação no clube e em suas atividades. Aguiar(1998) já anunciou que os atrasos e a inadimplência no pagamento das mensalidades representou um dos obstáculos para a concretização da sede. Segundo as atas analisadas pelo pesquisador, entre 1948 e 1952 repetem-se, nas assembleias, os apelos para que se concretize a construção da sede própria. Ao que parece a inauguração da sede atual ocorreu a partir de 09 de março de 1953. Quando esta passa a constar nas atas das reuniões do clube como endereço atual da entidade.

O clube desenvolveu atividades similares ao demais clubes negros do sul e sudeste do país, com enfoque nas atividades recreativas e de ajuda mútua, como conceituado por Giane (2010). Dentre as atividades realizadas pelo clube podemos listar os bailes de debutantes, os desfiles de miss, o carnaval e o bloco carnavalesco além da escola primária e os bailes dançantes. Dentre essas atividades a que o Flor de Maio tem grande destaque conjuntamente com um número reduzido de entidades é a abertura da escola primária.

A educação tem sido um tema recorrente e frequente entre as diversas entidades e organizações da população negra. Não por outra razão a educação é como uma das principais pautas do Movimento Negro Unificado nos anos 1970. Pois bem, essa preocupação estava incorporada também entre a diretoria e sócios do Flor de Maio tendo constituído um terreno fértil para a criação da escola primária no ano de 1934. De acordo com Aguiar (1998, p. 53) a ata de 20/07/1934 indicou que as aulas no clube teriam início no primeiro dia de outubro deste mesmo ano.

Figura 3: Estudantes da Escola Primária do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio



Fonte: Jornal São Carlos agora, s/d.

Segundo relatos apresentados por Aguiar (p. 53, 1998) em uma ata de 24/01/1936 é possível localizar a leitura de um ofício enviado pela prefeitura do município nomeando um professor para o curso noturno. As datas exatas de abertura e fechamento da escola bem como as razões para seu fechamento permanecem uma incógnita em vários dos documentos referenciados por esta pesquisa. No depoimento de uma ex-professora, Dona Gabriela Zanollo, é possível saber que a escola começou a funcionar em 1937, ano em essa professora foi nomeada para a escola.

[A escola do Flor de Maio] foi uma escola muito boa, eu gostei demais, a gente boa, eles variavam aquela sala, deixavam tudo na perfeição, Tratavam de tudo. Foi muito bom...eram uns 38, mais ou menos, era uma de manhã e uma à tarde. O Flor de Maio que dava a sala para nós, de graça. A prefeitura não pagava, eles davam de graça e punham as professoras lá. Então a gente arrebanhava todas aquelas crianças da redondeza e nós ensinávamos.

Dentre outras atividades de cunho educativo localizamos a realização de um ciclo de conferências sobre a situação do negro na sociedade brasileira. Três temas foram propostos: 1) Transição de escravo a cidadão; 2) Marginalização do negro no mercado de trabalho; 3) A situação da mulher negra. Essas atividades contrastam diferentemente com estereótipos que atribuíram a estas atividades papéis recreativos desvinculados dos aspectos políticos³⁰.

³⁰ A pesquisa de doutoramento em desenvolvimento junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos, com período de estágio no exterior junto a Georgia State University (GSU) parte a análise de que a música e a dança que tem nos clubes espaços próprios de execução representam aspectos centrais na compreensão da diáspora africana ao expressam as conexões entre negros e negras da diáspora na

Os bailes de debutantes, desfiles de mis, carnavais e um bloco carnavalesco também estão entre as atividades desenvolvidas pelo Flor de Maio configuraram dois momentos distintos do clube. A explanação dessas atividades demandaria um exercício detalhado sobre seus proponentes, seus participantes e da dinâmica de realização dos eventos. Aqui pretendo apenas apresentar os registros desses eventos com o objetivo de demarcar as atividades que a sede do Flor comportou desde seus primeiros anos.

Os desfiles de miss representam pelo menos dois momentos distintos. No primeiro temos a reprodução de uma feminilidade reproduzida pelos belos vestidos brancos e esvoaçantes. As concorrentes disputam não apenas a partir de critérios estéticos, mas também a partir traços de personalidade e condutas, como a simpatia, a boa conduta frente aos critérios da sociedade.

Figura 4: Coração da Rainha do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio



Fonte: acervo do Grêmio Recreativo e Família Flor de Maio, 1951

América do Norte, América Central e Brasil. Essas práticas tem sido lidas, portanto, como elementos de constituição de identidades transnacionais e políticas por meio da estética.

A sede também foi palco de animados bailes carnavalesco, como poderemos observar a partir da figura abaixo. Os bailes, assim como o Bloco Carnavalesco do Flor de Maio tinham a frente uma figura de grande reconhecimento na região- Odette dos Santos³¹. Odette foi a primeira rainha do clube, tendo fundado sua própria escola de samba. A escola fundada por Odette marcou época nos desfiles da cidade passando a ser reconhecida como principal carnavalesca são-carlense, recebendo o título de “Dama do Samba” e “Madrinha dos sambistas e escolas de samba de São Carlos”.

Figura 5: Bailes de Carnaval Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio



Fonte: Acervo do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, 1956

Bailes com personalidades da música negra brasileira como Jair Rodrigues, Leci Brandão e Zeca Pagodinho também embalaram os dias áureos do clube. Esses eventos são constantemente lembrados por seus sócios e estão registrados na história da cidade.

31 Centro Municipal de Cultura Afro-Brasileira “Odette dos Santos” foi inaugurado em novembro de 2006 durante as atividades do mês da Consciência Negra. O Centro é um novo equipamento cultural aberto à comunidade, que oferece cursos, palestras e outras atividades relacionadas à arte e cultura. Projetado para atender a diversidade artística e cultural de São Carlos, o Centro de Cultura possui espaços temáticos onde são desenvolvidas ações e projetos como a Sala de Africanidades, o Espaço Hip-Hop e a Sala Expositiva de Artes. O Centro também é dotado de auditório, sala de audiovisual e sala de dança onde é desenvolvido o Projeto Dançar. O Centro é uma parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFSCar e homenageia uma importante figura do movimento negro de São Carlos, Odette dos Santos, conhecida como “dama do samba”. Fonte: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/cultura/115304-centro-municipal-de-cultura-afro-brasileira.html> acesso em 01/12/2018

Figura 6– Personalidades da música brasileira no Flor de Maio



Fonte: acervo do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio, s/d.

Entre as inúmeras trocas de diretoria e até mesmo a diminuição de atividades recreativas e culturais, o clube se mantém e a comunidade negra que se identifica no e com o clube busca estratégias das mais diversas matrizes para garantir sua manutenção. Uma das entrevistas realizadas por Aguiar (2007), ao expor a dinâmica de formação do clube permite-nos compreender a relevância da manutenção do espaço como um espaço negro na região:

Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, território somente deles. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas (AGUIAR, 2007, p. 93). (Grifo meu)

A dimensão dos clubes enquanto espaços de reconhecido negro desde sua fundação perpassa os anos e pode ser observada na fala de outro membro:

[...] o clube era para baile. Não o clube de campo a sede aqui da cidade era para baile[...] começou com o forró [...] não teve mais samba[...] aí começaram a chegar sócios[...]e uma coisa que nós observamos, a maioria dos sócios são brancos. (AGUIAR, 2007, p. 93).

De acordo com o depoimento de um dos membros, a demanda pelo tombamento teve início a partir da preocupação de membros e da diretoria com o endividamento contraído pelo clube junto a prefeitura do município pela dificuldade em realizar o pagamento das taxas

referentes ao Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), conforme pode ser verificado no seguinte relato:

[...]teve um encontro em Araraquara de Clubes Negros e minha irmã fazia parte da comissão do Flor de Maio, porque ela era diretora. Ela chegava preocupada[...] por que a dívida estava alta com a prefeitura. [...]conversei com a Petronilha e ela disse para procurar o pessoal de São Paulo[...] aí me veio na cabeça a Leci Brandão[...]

O Flor de Maio foi tombado pela prefeitura municipal da cidade de São Carlos no ano de 2011. O tombamento é resultante da demanda da comunidade negra representada pelo presidente do clube, Márcio Pires e de vereadores do município. O tombamento também coaduna com as demandas construídas nos encontros do movimento clubista. O processo de tombamento do clube foi analisado pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de São Carlos (COMDEPHAASC) que considerou o clube como patrimônio histórico e cultural do município. O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio foi o primeiro clube do Estado de São Paulo a ser tombado.

Figura 7- Cerimônia de anúncio do Tombamento do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio



Fonte: Prefeitura Municipal de São Carlos, 2011

Segundo a direção do Flor de Maio, o tombamento no âmbito municipal³², trouxe dimensões positivas relacionadas a garantia de manutenção da sede³³, o reconhecimento da

³² O reconhecimento do “Flor de Maio” como patrimônio material e cultural no nível municipal ocorreu em 2011, pelo então prefeito Oswaldo Barba. Naquela ocasião o Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico e Artístico de São Carlos (COMDEPHAASC) considerou o clube como patrimônio histórico e cultural do município. O clube social negro de São Carlos foi o primeiro do Estado a ser tombado. No ano de 2014 o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (Condephaat) aprovou por unanimidade a

memória e resguardo da história e importância do espaço para a comunidade negra do Estado de São Paulo, e, particularmente da cidade de São Carlos. Além desses pontos, existe certa expectativa em relação ao processo de tombamento na instância estadual e pela efetivação de medidas de manutenção e restauro do edifício pelo município. O clube compõe conjuntamente com a Sociedade Beneficente 13 de Maio de Piracicaba e o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de Setembro de Jundiá a lista dos clubes do estado que tiveram seus processos de tombamento abertos pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat).

Tais afirmações podem ser constatadas em diversas pesquisas como, por exemplo, na pesquisa da antropóloga Sonia Giacomini. A autora produz uma análise dos clubes a partir do Clube Renascença, localizado na cidade do Rio de Janeiro. Os clubes possuem certa similaridade quanto as atividades desenvolvidas. Além das questões já apresentadas, os clubes atuaram e continuando atuando como espaços de sociabilidade negra. De acordo com a autora

A criação do clube [Renascença] representou, para o grupo social fundador o nascimento de um novo espaço de sociabilidade. Tudo estava para ser inventado, mas sobretudo, era necessário imprimir à vida social do clube as marcas que o grupo reconhecia e pretendia afirmar como suas (Giacomini, 2006, 32).

De acordo com Halbwachs (p. 159-160, 2003), os locais recebem a marca dos grupos que nele ocupam e vice e versa, tanto as ações dos grupos podem ser traduzidas em referência ao espaço como o espaço ocupado pelo grupo só alcança seu significado com a reunião de todos os termos. O autor segue afirmando

Se, entre as casas, as ruas e os grupos de seus habitantes houvesse apenas uma relação muito acidental e de curta duração, os homens poderiam destruir suas casas e bairro, sua cidade, e reconstruir em cima, no mesmo local, uma outra cidade, seguindo um plano diferente- mas as pedras se deixam transportar, não é muito fácil modificar as relações que se estabelecem entre as pedras e os homens. [...] os grupos resistirão e, neles, você irá deparar com a resistência, se não das pedras, pelo menos de seus arranjos antigos (Halbwachs, p. 163, 2003)

abertura de estudos para o tombamento do “Flor de Maio” e de outros dois clubes do interior do estado, o Clube 13 de Maio, localizado no município de Piracicaba e o Clube Beneficente Cultural e Recreativo 28 de setembro, no município de Jundiá. Seguem reportagens sobre os temas: <http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/noticias-2011/160865-barba-anuncia-tombamento-do-flor-de-maio-unico-clube-social-negro-de-sao-carlos.html>, http://www.saci.ufscar.br/data/clipping/imagens/30233_00.jpg acesso em 30 de agosto de 2017.

³³ O terreno onde atualmente está localizado o clube foi doado, por lei, pela Câmara Municipal de São Carlos e a construção da sede realizada pelos próprios membros em regime de mutirão durante os finais de semana. De acordo com Aguiar (2007, p. 94) entre 1948 e 1952, nas assembleias, repetem-se apelos para que se concretize o ideal de uma sede própria. Pelos registros presentes nas atas não foi possível determinar a data exata de inauguração da nova sede: apenas pôde-se verificar que só a partir de 9 de março de 1953 começou a aparecer naquelas atas o endereço atual da entidade.

Desde finais da década de 20 do século passado “as pedras” erguidas pelos antigos membros do “Flor de Maio” vem sendo palco, constituindo e sendo constituídas, como um espaço de sociabilidade da comunidade negra do estado. Entre as inúmeras trocas de diretoria e até mesmo a diminuição de atividades recreativas e culturais inerentes ao grupo, o clube se mantém em pé e a comunidade negra que se identifica no e com o clube busca estratégias das mais diversas matrizes para garantir sua manutenção.

Uma das entrevistas realizadas por Aguiar (2007), ao expor a dinâmica de formação do clube permite-nos compreender a relevância da manutenção do espaço como um espaço negro na região:

Foi exatamente a 4 de maio de 1928 que foi fundado o Grêmio Recreativo Familiar Beneficente Flor de Maio. Homens e mulheres do povo queriam se organizar, ter o seu local de lazer, centro social que os reunisse, território somente deles. Ali fariam as suas festas, comemorariam suas alegrias, mas também, compartilhariam em comum agruras e tristezas (Aguiar, 2007, p. 93). (Grifo meu)

A dimensão dos clubes enquanto espaços de reconhecidamente negro desde sua fundação perpassa os anos e pode ser observada na fala de outro membro:

[...] o clube era para baile. Não o clube de campo a sede aqui da cidade era para baile[...] começou com o forró [...] não teve mais samba[...] aí começaram a chegar sócios[...]e uma coisa que nós observamos, a maioria dos sócios são brancos.

Logo, não podemos pensar na constituição de uma memória coletiva que não faça referência a um espaço. Para Halbwachs (p. 170, 2003) “(...) nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda.” Os clubes não apenas retomam a um passado longínquo, remontam a memória de período áureos em que a comunidade negra construiu o que viria a ser o “seu lugar”, agora não mais inferiorizado, subalternizado, mas afirmado e reconhecido por membros da comunidade e não membros. Partindo de Gilroy(2012), podemos afirmar que remontam uma memória viva como uma espacialidade reconhecida como parte de uma comunidade, de uma história marcada pela associação como resistência e produção cultural.

Os Clubes Sociais, enquanto territórios de sociabilidade negra, por meio de bailes, reuniões, atividades educacionais e políticas forjaram e forjam elementos essenciais para os processos de identificação dos sujeitos negros. A contribuições desses espaços para os processos de identificação dá ênfase ao processo de subjetivação das “n” identificações passíveis de serem atribuídas ou adotadas pelo sujeito em meio social (HALL, 2008).

Atualmente o “Flor de Maio” é utilizado para as seguintes atividades: aulas de Samba-Rock; e um grupo de Maracatu, bailes de forró e bailes sertanejos. Minha inserção se deu através da participação nas aulas de Samba-Rock. O público das aulas de samba-rock distribuiu-se entre a faixa etária de 20 a 40 anos. No período de setembro de 2016 a dezembro do mesmo ano, os frequentadores das aulas eram majoritariamente homens negros e mulheres brancas. No período de fevereiro a agosto de 2017 nota-se uma inflexão neste perfil, com uma composição majoritária de homens e mulheres negros.

As aulas de Samba-Rock são lecionadas por um casal de professores. Ambos negros e moradores do município, ocorrem duas vezes por semana. No ano de 2017, ocorrem as segunda e quartas-feiras das 19h30 às 21h00. O projeto das aulas é nomeado como Família Samba-Rock. A Família Samba-Rock³⁴ é um projeto político, social e cultural de seus idealizadores, podendo afirmar que atuam na esfera da militância cultural. Os valores pagos pelos alunos, entre R\$ 15,00 e R\$30,00, certamente não possibilitam a sobrevivência dos professores, além destes desenvolvem outras atividades profissionais.

Compartilha o espaço do clube o grupo de maracatu “Rochedo de Ouro”. De acordo com a página do grupo artístico o Rochedo é um grupo artístico que vivencia a cultura do Maracatu de Baque Virado através de sua música e dança a partir da tradição do maracatu em Recife-Pernambuco. O trabalho do Rochedo de Ouro relaciona-se a oficinas sobre cultura, música e dança do Maracatu Baque Virado em parceria com diversos grupos e comunidades de São Carlos e também de outros municípios. O grupo é formado, majoritariamente, por jovens brancos e realiza ensaios semanais na sede do clube.

A atividade pela qual o clube, atualmente, angaria mais frequentadores e popularidade, são os bailes de forró voltados ao público da terceira idade e alguns eventos de domingueira voltados aos jovens. Esses eventos tem trazido constantes conflito no interior da comunidade negra. Uma parcela significativa desta comunidade não se reconhece nos eventos e demanda pela realização de eventos de samba e samba-rock. Estilos musicais que, segundo o grupo, tem identificação com os negros da cidade. Por outro lado, a direção afirma que com o

³⁴ A Família Samba-rock é um projeto político, social e cultural de seus idealizadores. Posso afirmar que estes atuam na esfera da militância cultural. Os valores pagos pelos alunos, entre R\$ 15,00 e R\$30,00, certamente não possibilitam a sobrevivência dos professores, além destes desenvolvem outras atividades profissionais. A partir da “Família Samba-rock “pude estabelecer contato com diversos professores e professoras da prática na capital e interior. Nos contatos nos mais diversos ambientes, desde academias de dança reconhecidas na cidade de São Paulo, passando por bailes em municípios do centro-oeste paulista até nas aulas, é recorrente uma referência do Samba-rock como algo maior que uma dança, professores, DJs e militantes referem-se ao ritmo como uma cultura- a Cultura Samba-rock.

esvaziamento da comunidade das atividades realizadas pelo clube são os bailes de forró que garante a manutenção financeira dos custos do clube. Esse empasse tem perdurado por anos. Em alguns momentos a situação de tensão e demanda se intensifica gerando maior organização da comunidade negra e pressão junto a diretoria. Esse foi o cenário que pude acompanhar durante os anos de 2016 a 2017.

Podemos inferir que a existência de espaços de socialização voltados a população negra foi fundamental enquanto forma de resistência ante as dimensões materiais e simbólicas da memória social como enfrentamento do racismo. A desarticulação das atividades vinculadas a cultura negra nesses espaços, somada a mercantilização de muitos desses elementos, como por exemplo, o próprio Samba e o Samba-Rock produziram como efeito o embranquecimento das atividades e dos sócios, no entanto, a presença de negros e negras nas atividades relacionadas mais diretamente a cultura negra demarca um espaço de resistência e de ocupação do espaço negro representado pelo clube.

Interrogado sobre os espaços de socialização negros o membro relata:

[...]espalhou, ia em baile em Rio Claro, ia em baile em Araraquara [...] chegou a *Toca da Criola*. [...] e lotava de domingo fechava a rua. Depois apareceu o *De repente Acontece*[...] aí a polícia fez parar. Nego ganhando dinheiro...é como no Flor de Maio, tinha os bailes funk aí a polícia mandou fechar porque a molecada mijava na rua[...]uns 10 anos atrás, fizeram parar[...] então...aí o pessoal ia para o *De repente*, depois..o *De repente* durou uns 3,4 anos e parou. Não tinha lugar para a turma ir mais. E o que eles fizeram? Ficaram em casa. A maioria ficou em casa ou não sai mais. O pessoal antigo não sai mais.

Como mencionado atualmente o Grêmio Recreativo realiza bailes periodicamente aos sábados e domingos, no entanto, esses bailes são exclusivamente de forró. O público atual do baile não é a comunidade negra, mas sim mulheres e homens da terceira idade majoritariamente brancos e pardos. Segundo a presidência atual, essa configuração se dá porque seriam esses eventos os responsáveis pela manutenção financeira do espaço. O distanciamento da comunidade negra em relação ao clube foi um dos elementos que indicou o fato de que os Clubes, mais do que espaços físicos ocupados outrora pela comunidade negra, reinscrevem práticas significativas para esta comunidade, assim sendo, quando essas práticas deixam de existir o clube perde sua centralidade como espaços de constituição de sociabilidades.

O tombamento da sede do Flor de Maio é articulado pelos membros da comunidade negra como um ferramenta de negociação junto a atual diretoria para a retomada das atividades nas quais essa mesma comunidade se reconheça, como por exemplo, palestra sobre a questão étnico-racial, reuniões de grupos de estudos, rodas de samba, pagode e eventos de samba-rock e *Soul Music*. O tombamento aparece com certa frequência nas falas de membros da comunidade

que anunciam a necessidade do clube manter-se vinculado a cultura negra sobre o risco de perder o título.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio teve seu patrimônio material tombado, como já descrevemos nos tópicos anteriores, todavia o processo de reconhecimento do valor histórico e arquitetônico do prédio vincula-se diretamente as atividades realizadas em seu interior. O modo com que o prédio foi ocupado, ou seja, sua função social, atribui um valor imaterial ao patrimônio material. É sobre esse valor patrimônio imaterial não tombado que parte da comunidade negra tem demandado maior participação nas instâncias decisórias e na definição das atividades realizadas pelo clube. Desse modo, o tombamento aqui funciona como um espaço de garantia da negociação para que o espaços seja ocupado pela comunidade.

O tombamento tem estado presente no cotidiano do clube. Ele garante que as sucessivas reformas que a sede vem sofrendo para que possa se adaptar as leis relacionadas a perturbação do sossego não alterem sua fachada, por exemplo. Existe ainda uma preocupação por parte do da comunidade negra organizada quanto a perda de sede por dívidas contraídas junto à prefeitura do município. Esse é um tema recorrente nas reuniões. Por outro lado, o tombamento é visto como a garantia de que a sede do clube não será comercializada

No que toca ao “Flor de Maio” é notório que o clube vem enfrentando sucessivas crises. Essas crises podem ser expressas não apenas pelos registros de campo desta pesquisadora, como também pela postagem na rede social do clube no momento da comemoração dos seus 90 anos no ano de 2017.

Figura 8: Depoimento página Grêmio Recreativo Familiar Flor de Maio



Fonte: acervo da pesquisadora. Grêmio Recreativo Flor de Maio. São Carlos

As dificuldades do “Flor de Maio” referem-se também a demanda apresentada por membros e ex-membros que reivindicam sua participação junto ao clube. Ainda, de acordo com a atual direção, a baixa participação da comunidade negra nos eventos promovidos pelo clube impede que esta presidência redirecione suas atividades, considerando que o público dos bailes de forró já é um público fixo. E seria esse público o responsável pela manutenção financeira do espaço.

Como anunciado, o Flor de Maio é hoje centro de disputas e negociações entre sua atual presidência e parte de sua diretoria e a comunidade negra local. Durante os anos de 2017 e 2018 pude acompanhar quatro reuniões promovidas por membros da comunidade negra de São Carlos. Nessas reuniões se discutiu a atual situação financeira do clube, a manutenção da sua sede social, estratégias para ocupação do espaço, organização de demandas para a atual diretoria. As demandas articulam-se em torno da realização de eventos que expressem os desejos da comunidade negra local, a possibilidade de retomar como sócios no clube, além de alternativas para sanar as dívidas que o clube possui com órgãos públicos.

Figura 9: Reunião realizada no Flor de Maio



Fonte: acervo da pesquisadora. Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio. São Carlos. 2018

Enquanto, por um lado, a direção indica a desorganização e o esvaziamento da comunidade negra em relação as atividades realizadas pelo clube, por outro, a comunidade demanda maior autonomia, participação nas decisões do clube e aprovação para realizar bailes. Segundo a direção, a incapacidade de organização desta comunidade para a realização de eventos foi expressa em diversas situações, enquanto para àqueles o esvaziamento se deve à ausência de reconhecimento em relação a formas e atividades disponíveis para ocupação do espaço. O grupo demanda pela realização de eventos aos finais de semana, respaldados pelo argumento de que eventos as sextas-feiras impossibilitam a presença da comunidade negra. Segundo relatos, de membros da comunidade negra e a observação do perfil dos atuais participantes dos eventos realizados pelo clube, o público atual não apresenta vínculos com a comunidade negra.

Parte das demandas do clube explicitam a relação entre espaços individuais e espaços coletivos. Os Clubes Sociais não podem ser lidos enquanto espaços públicos, ao passo que são espaços privados, mas não individuais. Eles pertencem a um coletivo, a comunidade negra. Cabe a esta comunidade eleger seu presidente e diretores. Que por sua vez são responsáveis pelo gerenciamento financeiro, social e administrativo do clube.

Um grupo que se autodenomina “Amigos do Flor de Maio” tem se apresentado como uma estratégia de aproximação da comunidade com o clube. Segundo seus integrantes, esta não seria a primeira tentativa articulada do grupo. Ao longo do ano de 2017, esse grupo realizou

cerca de seis reuniões para discutir o futuro do clube e como a comunidade poderia se reaproximar do mesmo. As atividades foram realizadas na sede do clube, onde contou com a presença da sua atual diretoria, no centro de cultura Afro-brasileira do município- Casa Odette dos Santos³⁵, e na casa de um dos membros da comunidade negra do município. As questões centrais reiteradas pelo grupo são: 1) renovação da diretoria; 2) adesão como sócios; 3) realização de eventos direcionados a comunidade negra; 4) apresentação do balanço financeiro do clube; 5) apresentação das dívidas contraídas pela clube.

Atualmente, a direção não disponibiliza novos títulos sob o argumento de que com a venda de novos títulos impossibilitaria a manutenção financeira do clube. Quando sócios os participantes ficam isentos de pagar o ingresso nos eventos, o que tem impedido a adesão de novos membros da comunidade negra local. Outra demanda apresentada pelo grupo, e destacada como uma das principais, é a realização de atividades recreativas na sede social do clube- os bailes.

³⁵ Odette do Santos foi diretora social do clube e uma das suas integrantes mais lembrada pela comunidade negra que participava do mesmo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As políticas de patrimônio emergiram no momento da construção de uma identidade moderna para a nação. Essa afirmação nos indica reflexões sobre o lugar e os papéis desempenhados historicamente por essas políticas junto a construção e reafirmação de uma identidade nacional homogênea e mestiça. Esse contexto tem gerado consequências relacionadas aos projetos coloniais não apenas para a constituição de relações econômicas e territoriais de exploração e hierarquização, mas também na definição dos patrimônios. Daqueles que são reconhecidos enquanto patrimônio e daqueles que mesmo reconhecidos não são prioritários junto as políticas de tombamento. O próprio surgimento do IPHAN está embebido no contexto da “modernização” do Estado Nacional e de sua concomitante necessidade de rearranjo aos moldes civilizatórios impostos pela lógica colonial.

Reconhecer um bem ou uma prática como patrimônio municipal, estadual ou nacional requer, primeiramente, que se reconheçam os produtores, ocupantes ou praticantes como sujeitos de direito, não apenas ao nível legal, mas que sejam reconhecidos enquanto constituintes e contribuintes para a efetivação dos modelos civilizatórios e identitário do país. Determinados grupos não alcançam essa dimensão, em certa medida por não o desejarem e até mesmo serem críticos a ela, como ocorre em algumas etnias indígenas em relação ao tombamento de seus bens ou práticas, mas no caso de outros grupos não há reciprocidade quanto ao reconhecimento do impacto e da relevância desses espaços e/ou práticas para a constituição de outros modelos civilizatórios. A modernidade nesses moldes pode significar o filtro da história. Filtro no sentido de atribuir a possibilidade de se produzir e transmitir história à alguns grupos ou coletivos e negar essa possibilidade a outros.

A história das organizações, dos bens produzidos ou ressignificados pelo povos da diáspora africana está imersa nesse campo de significados, sendo assim, refletir sobre como o tombamento e as dinâmicas internas e externas que esse processo repercute junto aos negros e negras na cidade de São Carlos/SP e região pode nos auxiliar a refletir sobre a importância de conhecer e reconhecer negros e negras da diáspora como produtores de história, de práticas e de saberes no Brasil e fora dele. A afirmação positiva da história, o reconhecimento das contribuições e a valorização da história e da cultura africana e afro-brasileira são os pilares principais das políticas afirmativas no Brasil atual. Aqui cito a Lei 10.639/03 e a Lei 12.711/12. Assim sendo, refletir sobre o tombamento da sede do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio considerando seu lugar e bem como a importância histórica dos Clubes Sociais Negros

como organizações políticas, recreativas e estéticas trata-se de um estreito diálogo com as políticas de ação afirmativas.

Para além dessas dimensões, importa-nos saber que os processos de tombamento envolvem sujeitos, suas histórias e trajetórias. Quando trata-se dos clubes sociais negros esse dado ganha outros contornos. Vale lembrar que os Clubes não são entidades privadas ao mesmo tempo que não são entidades públicas no sentido da ampla sociedade civil. Os clubes possuem em sua ampla maioria um presidente e uma diretoria instituída por meio de eleições e seguem regimentos bastante específicos a partir das dinâmicas internas a cada grupo, no entanto, isso não faz dos clubes propriedade dos sujeitos que os dirigem. Ao mesmo tempo os clubes, mesmo quanto reconhecidos como patrimônio de toda a sociedade, guardam vínculos mais estreitos com os membros da comunidade negra local e regional. Essa configuração tão específica remonta aos próprios formas de ser e estar em África. O clube é coletivo e individual ao mesmo tempo. Ele pertence a todos e a cada um dos membros da comunidade negra, seja ela sócia ou não. Ao menos é essa a dinâmica assistida por mim junto à comunidade negra de São Carlos.

O tombamento insere então novas questões a uma dinâmica que já guarda em si sua própria complexidade. Visto como positivo pela grande maioria da comunidade, o tombamento transforma-se na garantia de que os membros se rearticulem com o objetivo de retomar aos tempos áureos do clube. Por outro lado, o tombamento, no caso do Flor de Maio gera certo temor quanto aos poderes que a prefeitura pode exercer sobre o bem. Explicações sobre isso geram pouco efeito, já que em algumas situações o tombamento é entendido como posse. O próprio processo é educativo em si, mas não isento. Assim como do surgimento do IPHAN e dos primeiros tombamentos realizados pelo instituto, nos dias atuais, a dimensão política dos conflitos e dos consensos atravessa o debate sobre tombamento.

O Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio representa a história e a organização da população negra da cidade de São Carlos que fora privada do acesso e do reconhecimento, mesmo quando essa alcançou determinadas profissões e renda. O prédio, e as memórias relacionadas a ele representam a resistência de um coletivo à interdição do reconhecimento da sua humanidade e da reconstrução da sua história.

7. BIBLIOGRAFIA

AGUIAR, Marcio Mucedula. Os clubes Negros e seu papel na constituição da identidade e movimento negro: a história do Grêmio Recreativo e Familiar Flor de Maio em São Carlos-SP. *InterAÇÕES- Cultura e Comuidade/v.2. n.2 p. 91-105/ 2007.*

ALMEIDA, Marco Antonio Bettine de; SANCHEZ, Livia Pizauro. Implementação da Lei 10.639/2003 - competências, habilidades e pesquisas para a transformação social. **Pro-Posições**, Campinas, v.28, n.1, p.55-80, Apr. 2017 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072017000100055&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 17 Jan. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0141>.

ANDREWS, G. "Uma transfusão de Sangue Melhor": O branqueamento, 1880-1930. América Afro-Latina:1800-2000. São Paulo: EDUFSCar, 2007, p. 151-186.

BASTIDE, R.; FERNANDES, F. Bancos e Negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana. São Paulo: Global, 2008.

BATISTA, 2015

BRAGA, A. Retratos de uma beleza castigada (século XVIII- 1888). História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas. São Carlos: EDUFSCar, 2015, p.29-84

_____. Retratos de uma beleza moral (1888-1995). História da beleza negra no Brasil: discurso, corpos e práticas. São Carlos: EDUFSCar, 2015, p.85-206.

BRASIL. Edital de Mapeamento dos Clubes Sociais Negros. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/cultura/2014/03/clubes-sociais-negros-serao-mapeados-em-todo-o-pais>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

_____. Entrevista Ministro SEPPPIR. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br>> Acesso em 31 de agosto de 2015.

BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza e O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. Walter Benjamin. Obras Escolhidas. Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

DIWAN, P. Raça Pura: uma história da eugenia no Brasil e no Mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

DOMINGUES, P. Esses intemoratos homens de cor: o associativismo negro em Rio Claro(SP) no pós-abolição. *Revista História Social*, nº 19, p. 109-134, segundo semestre de 2010.

_____. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. *Tempo*, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007.

_____. Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro(1888-1930). *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 34, nº 67, p. 251-281, 2014.

ESCOBAR, G. Clubes Sociais Negros: lugares de memória, resistência negra, patrimônio e potencial. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/RS, 2010.

_____. Museu Treze de Maio e as Políticas Públicas a favor da Preservação da Memória e Salvaguarda dos Clubes Sociais Negros do Brasil. In: SOARES, A. L. R. (org.). Anais do I Congresso Nacional Memória e Etnicidade, Casa Aberta Editora, Itajaí, 2010. ISSN: 21784981

GIACOMINI, S. A Alma da Festa: Família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro. O Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GILROY, 2012 GILROY, P. O Atlântico Negro. São Paulo: Editora 34. Rio de Janeiro.2012

GOMES, A.O Primeiro Congresso Nacional do Negro e a sua importância para a integração social dos negros brasileiros e a ascensão material da Sociedade Floresta Aurora. Revista Brasileira de História & Ciências Sociais Ano I - Número I - Julho de 2009.ISSN: 2175-3423

GONCALVES, L.; SILVA, P. Movimento negro e educação. Revista Brasileira de Educação.Rio de Janeiro, n. 15, p. 134-158, Dec. 2000.

GUSMÃO, N. M.; SIMSON, O. R. M. A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente. In.: Ciências Sociais Hoje, 1989. Anuário de Antropologia, Política e Sociologia. S. Paulo, Vértice/ANPOCS, 1989.

HALL, S. Pensando a Diáspora: reflexões sobre a terra no exterior; Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p.25-48.

_____. A Relevância de Gramsci para o estudo de raça e etnia. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006, p. 227-315.

HALBWACHS, M. A memória coletiva. São Paulo: Centauro. 2003

HERMANN, D. Tempo de carnaval no cotidiano dos Clubes Tabajara e Mocidade: etnografia das memórias dos habitantes negros de Encruzilhada do Sul. 2011. 115f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) -Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, 2011.

JESUS, N. Clubes sociais negros em Porto-Alegre-RS: a análise do processo de recrutamento para a direção das associações Satélite Prontidão e Floresta Aurora, trajetórias e a questão da identidade racial. 2005. Dissertação (Mestrado em Sociologia) 10f. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Porto Alegre, 2005.

SANCI-ROCA, Roger. De armas do fetichismo a patrimônio cultural: as transformações do valor museográfico do Candomblé em Salvador da Bahia no século XX. In.: Museus, coleções

e patrimônio: narrativas polifônicas. Org. Regina Abreu, Mário de Souza Chagas. Myrian Sepúlveda dos Santos- Rio de Janeiro: Garamond, Minc/IPHAN/DEMU, 2007.

ROLNIK, R. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). Revista de Estudos Afro-Asiáticos 17-CEAA, Universidade Cândido Mendes, Setembro 1898.

SILVA, F. Os Negros, a constituição de espaços para os seus e o entrelaçamento desses espaços: associações e identidades negras em Pelotas(1820-1943). 2011. 228f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-graduação em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2011, Porto Alegre.

SILVA, M. Encontro na Encruzilhada: Literatura Negra e Sociologia do Negro. A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1969-2000). Rio de Janeiro, Aeroplano, 2013, p. 168-248

_____. O povo e a cena histórica: quarto de Despejo e a Integração do Negro na Sociedade de Classes (1960- 1964). A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1969-2000). Rio de Janeiro, Aeroplano, 2013, p. 330-403.

VELHO, Gilberto. Patrimônio, Negociação e Conflito. MANA 12(1): 237-248, 2006

VELOSO, Mariza. O fetiche do patrimônio. In.: Museus, coleções e patrimônio: narrativas polifônicas. Org. Regina Abreu, Mário de Souza Chagas. Myrian Sepúlveda dos Santos- Rio de Janeiro: Garamond, Minc/IPHAN/DEMU, 2007.